

Filozofická fakulta Univerzity Palackého v Olomouci  
Katedra romanistiky

**A tradução comentada das crónicas escolhidas do livro  
*Um Brasileiro em Berlim* de João Ubaldo Ribeiro**

Commented Translation of short stories selected from the  
book *Um Brasileiro em Berlim* by João Ubaldo Ribeiro

Bakalářská práce

**Barbora Lebánková**

Studentka posledního ročníku bakalářského studia portugalské  
a anglické filologie

Akademický rok 2018/2019

Vedoucí práce: Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Olomouc 2019

Prohlašuji, že jsem tuto bakalářskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod vedením Mgr. Kateřiny Ritterové, Ph.D. a všechny použité zdroje a literaturu jsem v ní uvedla.

V Olomouci dne \_\_\_\_\_

Tímto bych ráda poděkovala Mgr. Kateřině Ritterové, Ph.D. za rady a připomínky, které mi pomohly při vypracovávání této bakalářské práce a stejně tak za hodiny překladových cvičení, které daly za vznik mému zájmu o překlad. Velké díky patří také PhDr. Zuzaně Burianové, Ph.D., Mgr. Petře Svobodové, Ph.D. a Mgr. Fernandu Costovi, kteří nás provázeli celým studiem portugalštiny, vždy trpěliví a nápomocní. Nakonec bych chtěla poděkovat také svým rodičům a přátelům, kteří mě po celou dobu studia podporovali.

# ÍNDICE

<b>1. Introdução</b> .....	- 5 -
<b>2. Biografia e a obra do autor, o contexto histórico</b> .....	- 7 -
<b>2.2. Carreira literária e a obra de João Ubaldo Ribeiro</b> .....	- 8 -
<b>2.3. História do Brasil desde 1930 até 1990</b> .....	- 9 -
<b>3.1. Apresentação do livro e das características de crónica</b> .....	- 11 -
<b>3.2. Característica e a temática das crónicas escolhidas</b> .....	- 12 -
3.2.1. A característica do estilo literário.....	- 12 -
3.2.2. Os temas desenvolvidos no livro .....	- 13 -
<b>4. Tradução para a língua checa das crónicas escolhidas</b> .....	- 16 -
<b>4.1. <i>Chegada</i></b> .....	- 16 -
<b>4.2. <i>O Tartamudo do Kurfürstendamm</i></b> .....	- 18 -
<b>4.3. <i>Sexy Brasil, Sexy Berlin</i></b> .....	- 20 -
<b>4.4. <i>Educação financeira</i></b> .....	- 22 -
<b>4.5. <i>Vida organizada</i></b> .....	- 24 -
<b>4.6. <i>O crime do Storkwinkel</i></b> .....	- 26 -
<b>5. Comentário da tradução</b> .....	- 29 -
<b>5.1. Problemas ligados com o léxico</b> .....	- 29 -
5.1.1. Palavras polissémicas .....	- 29 -
5.1.2. Expressões sem equivalentes na língua-alvo.....	- 30 -
5.1.3. Terceira língua no texto traduzido.....	- 31 -
5.1.4. Notas explicativas.....	- 33 -
<b>5.2. Problemas ligados com a sistema gramatical</b> .....	- 33 -
5.2.1. Tratamento .....	- 33 -
5.2.2. Formas nominais dos verbos .....	- 34 -
5.2.3. Flexão nominal do grau aumentativo e diminutivo sintético .....	- 35 -
<b>6. Conclusão</b> .....	- 37 -
<b>Resumo em checo</b> .....	- 38 -
<b>Resumo em inglês</b> .....	- 39 -
<b>Bibliografia</b> .....	- 40 -
<b>Livros</b> .....	- 40 -
<b>Websites</b> .....	- 40 -
<b>Dicionários</b> .....	- 40 -
<b>Anexo</b> .....	- 42 -
<b>Anotação em português</b> .....	- 54 -
<b>Anotação em inglês</b> .....	- 55 -

# 1. Introdução

O objetivo deste trabalho é a tradução comentada de seis crónicas do autor brasileiro João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), publicados no livro *Um Brasileiro em Berlim* (1995). O trabalho é dividido em três partes: a primeira se dedica à apresentação da vida e da obra do autor, do género da crónica e dos textos escolhidos, a segunda oferece a nossa tradução das crónicas para o checo e a terceira aborda os principais problemas que surgiram durante o processo da tradução.

Acreditamos que no atual mundo globalizado a importância da tradução é cada vez maior porque a necessidade da interligação das nossas sociedades e países é a maior que vimos em toda a história. Para a tradução escolhemos um livro que trata de uma problemática da imigração, que consideramos um fenómeno importante da contemporaneidade. *Um Brasileiro em Berlim*, como o título aponta, descreve a vida de um brasileiro num país estrangeiro, completamente diferente do Brasil e, o seu esforço por conseguir fazer as coisas mais banais, como, por exemplo, comprar selos ou a comida. Na República Checa, país que não tem sofrido uma grande onda da imigração, as pessoas geralmente não se apercebem da coragem e do empenho que se exige de um imigrante. Além disso, todos nós podemos alguma vez chegar, ao viajar, numa situação difícil e é bom saber que não somos os únicos no mundo que passam por tal situação quando, por exemplo, nem sabemos saudar ou agradecer na língua de um país.

No processo da tradução destes textos surgiram vários problemas, tanto no léxico como no sistema gramatical, que vão ser apresentados na parte final. Um deles relaciona-se, por exemplo, com o contexto cultural, quando o autor refere a alguma pessoa bem conhecida no Brasil ou a comida típica alemã. Outro problema ligado ao contexto cultural é, que o autor escreve sobre a sua vida na Alemanha, referindo-se, por exemplo, a vários sítios em Berlim e muitas vezes usa a língua alemã. Além disso, foi necessário preservar o estilo do autor, que é coloquial com um tom familiar e, o enredo humoroso dos textos.

Adicionalmente, outro objetivo deste trabalho é tentar aproximar a literatura brasileira ao leitor checo. Embora o Brasil possa parecer um país muito exótico e culturalmente distante de nós, temos muitas coisas em comum com o nosso país. No livro traduzido, por exemplo, há menções sobre o facto de que no Brasil houve um regime político ditatorial, que se caracterizavam pela censura mediática, perseguição e supressão dos direitos humanos e que durava por um tempo bastante longo, mesmo como na República Checa. Por isso, um capítulo curto vai ser dedicado ao contexto histórico da vida do autor.

João Ubaldo Ribeiro foi um autor bastante conhecido no Brasil e ganhou vários prêmios, incluindo o prêmio Camões, que é o mais prestigioso para um escritor lusófono. Escreveu vários romances, novelas, contos, crônicas e ensaios. Uma parte da sua obra foi adaptada para o cinema, como, por exemplo, o romance *Sargento Getúlio* (1971) ou o conto *O Santo que não acreditava em Deus* (1999). A sua obra já foi traduzida para várias línguas, tal como inglês, alemão, francês, italiano ou espanhol. Infelizmente, na República Checa é ainda bastante desconhecido e o único livro traduzido para a língua checa (pelo tradutor Josef Kučera) é o romance *Sargento Getúlio*. Além disso cremos que o humor do escritor é muito perto e atraente para os leitores checos.

## 2. Biografia e a obra do autor, o contexto histórico

### 2.1. Vida de João Ubaldo Ribeiro

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro nasceu na Ilha de Itaparica em Salvador da Bahia no dia 23 do janeiro 1941. Estudou a escola básica na cidade de Aracaju, Sergipe. O seu pai quis que o filho tenha uma boa educação e também por isso a família voltou a Salvador onde Ribeiro estudou no colégio e depois formou-se em Direito na Universidade Federal da Bahia (1959-1962). Apesar de ser um bom estudante, jamais se dedicou à carreira de advogado.

A carreira jornalística dele se iniciou em 1957, quando Ribeiro trabalhava como um repórter, colunista e redator para o Jornal da Bahia. Depois dalgum tempo professa como editor-geral no jornal Tribuna da Bahia. Durante a sua vida colaborou com jornais nos vários países no mundo. Em 1964 partiu para os Estados Unidos e seguidamente formou-se na Ciência Política na Universidade do Sul da Califórnia em Los Angeles e depois a ensinava na Universidade da Bahia, porém, posteriormente deixou a sua carreira acadêmica e voltou ao jornalismo e a carreira do escritor.

Algumas suas obras foram adaptadas para o cinema como filmes ou para a televisão como telenovelas, por exemplo, a telenovela *O sorriso do Lagarto* (1991). Ribeiro participou no processo da filmagem como o guionista nos filmes como *O Sargento Getúlio* (1983, diretor Hermano Pena), *Tieta do Agreste* (1996), *Deus é Brasileiro* (2003, baseado no conto *O Santo que não acreditava em Deus*) ou uma telenovela *Faça sua história* (2007). Ubaldo Ribeiro também desempenhou uns papéis pequenos nas obras cinematográficas, por exemplo na telenovela brasileira *Celebridade* (2003-2004).

Além de trabalhar como professor, jornalista, escritor e guionista, fez também traduções literárias e traduções dos filmes. Muitas vezes foi pedido participar nos vários concursos como um jurado (por exemplo concurso Casas das Américas em Cuba). Também foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1994.

Durante a sua vida foi casado três vezes. Em 1960 casou com Maria Beatriz Moreira Caldas com quem estudava Direito a universidade Federal da Bahia. Depois de que se separaram Ribeiro casou-se em 1969 com Mônica Maria Roters, com quem tiveram duas filhas – Emília e Manuela. O casamento terminou em 1979. O seu último casamento foi em 1980 e durou até a morte do autor no dia 18 de julho 2014. A sua mulher foi Berenice Batella. Tiveram dois filhos – Bento e Francisca. O autor faleceu por causa da embolia pulmonar no seu apartamento em Leblon, um bairro no Rio de Janeiro, onde colocaram uma estátua dele em 2015.

## 2.2. Carreira literária e a obra de João Ubaldo Ribeiro

Certo que a sua geração tinha algo importante a dizer e precisava dizê-lo com urgência, João Ubaldo Ribeiro começou a escrever aos seus vinte anos. Os seus primeiros trabalhos literários foram publicados em diversas coletâneas, tal como a Reunião, as Histórias da Bahia ou o Panorama do Conto baiano.<sup>1</sup>

A primeira obra mais complexa de Ribeiro é o romance *O setembro não faz sentido* (Září nedává smysl) que escreveu em 1962 e foi lançado em 1968. O livro fala sobre um grupo de intelectuais baianos durante a semana da pátria. É bastante satírico e, aludindo ao título do livro, o que não faz sentido são as celebrações do dia de 7 de setembro, o dia quando o Brasil ganhou a independência em 1822. O segundo livro do autor é o outro romance *O Sargento Getúlio* (Seržant Getúlio) lançado em 1971. Fez o grande sucesso não só no Brasil, mas também no resto do mundo. A história segue a vida do sargento da polícia militar durante os anos 40 e 50 em nordeste no Brasil. O Getúlio é uma personagem negativa, manipulada pelos políticos desse tempo. Ribeiro usa várias técnicas para a narração, tal como não-linearidade temporal, sátira, regionalismos etc. A obra foi traduzida para muitas línguas, alguns deles são por exemplo para o francês, inglês, alemão, espanhol ou italiano. É o único livro de Ribeiro traduzido para a língua checa. Como já dissemos no capítulo anterior, este romance foi adaptado para filme em 1983 pelo diretor Hermano Pena. A obra foi apreciada também por Jorge Amado como uma das poucas que contribuiu nas últimas décadas à literatura puramente brasileira.<sup>2</sup> Em 1981 Ribeiro conjugou o seu interesse pela política e pela ficção e escreveu a *Política: quem manda, por que manda, como manda* (Politika: kdo poroučí, proč poroučí a jak poroučí), que é a explicação breve e fácil da ciência política. *Viva o povo brasileiro* (Ať žije brazilský lid) é o outro livro que o tornou famoso. Foi lançado em 1984 e focaliza os quatro séculos da história do Brasil na Ilha de Itaparica.

*Viva o povo brasileiro* afirmou definitivamente João Ubaldo Ribeiro como um dos mais importantes romancistas brasileiros. O livro alcançou rapidamente a lista dos dez mais vendidos, ocupando durante semanas o primeiro lugar e superando a venda de *Tocaia grande* do até então imbatível Jorge Amado.<sup>3</sup>

Em 1989 escreveu *O sorriso do lagarto* (Úsměv ještěrky) que foi também adaptado pela televisão como uma telenovela. O enredo é do género da ficção científica repleto de conflitos, tal como o bem contra o mal ou a ciência contra a religião. *Um brasileiro em Berlim* (Brazilec v Berlíně) é uma das várias coletâneas dos folhetins que o autor escreveu. Publicada em 1995, o escritor descreve o tempo entre 1990 e 1991 que passou na Alemanha. Este livro escolhemos

---

<sup>1</sup>“O autor e a sua obra”, in RIBEIRO, João Ubaldo. *Livro de Histórias*, São Paulo: Círculo do Livro. 1981, p.196.

<sup>2</sup> Aput. PICCHIOVÁ, Luciana Stegagno. *Dějiny brazilské literatury*. Praha: Torst. 2007, p.566, přel. Vlasta Dufková, Anežka Charvátová a Irena Kurzová.

<sup>3</sup> Op. cit. p. 196.



como o objeto deste trabalho e a qual vamos dedicar-nos em detalhes nos outros capítulos. *O Santo que não acreditava em Deus* (Svatý, který nevěřil v Boha) é uma coletânea dos contos publicada em 1999, que também foi filmada como *Deus é brasileiro* (2003). A personagem principal é os Deus, que já está enjoado com os problemas na Terra e decide que tirasse férias. Para fazê-lo precisa de encontrar um santo no Brasil que desempenhasse o seu cargo. Um outro livro de 56 crónicas que enfoca em problemas do brasileiro é intitulado *Você me mata mãe gentil* (Laskavá matka, zabijíš mě) e foi lançado em 2005.<sup>4</sup>

João Ubaldo Ribeiro também foi galardoado muitos prémios literários tanto da língua portuguesa como dos outros países. Em 1971 recebeu o prémio Golfinho de Ouro (do Rio de Janeiro) e em 1972 o prémio Jabuti (da Câmara Brasileira do livro). Ambos para o romance *O sargento Getúlio*. Jabuti ganhou uma vez mais no ano de 1984 para o romance *Viva o povo brasileiro*. O prémio mais significativa da língua portuguesa é o prémio Camões que obteve em 2008. “O escritor afirmou estar feliz com a premiação, mas chateado com a falta de tempo para escrever seu novo romance: O prêmio integra a literatura de língua portuguesa. Ele é o reconhecimento do meu papel nessa literatura-disse.”<sup>5</sup> Os outros países que lhe apreciaram são a Alemanha, Suíça ou os Estados Unidos.<sup>6</sup>

### 2.3. História do Brasil desde 1930 até 1990

Para que o leitor entenda as referências históricas que por vezes encontramos nas crónicas, decidimos incluir um capítulo onde vamos descrever brevemente os eventos mais importantes no Brasil desde 1930 até 1990. Escolhemos este período, dado que as crónicas foram escritas entre 1990 e 1991 e assim o autor faz referências ao passado desse tempo. Vamos mencionar apenas os acontecimentos relevantes para os nossos textos.

Em 1930 o Getúlio Vargas terminou A república velha (1889-1930) com o golpe de estado e iniciou a sua ditadura. Em 1934 criou uma constituição nova que era muito autoritária

---

<sup>4</sup>RIBEIRO, João Ubaldo. *Setembro não tem sentido* (1968), *Sargento Getúlio* (1971), *Vencecavalos e o outro povo* (1974), *Vila Real* (1979), *Livro de histórias* (1981), *Política: quem manda, por quem manda, como manda* (1981), *Já podeis da pátria filhos* (1981), *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* (1983), *Viva o povo brasileiro* (1984), *Sempre aos domingos* (1988), *O Sorriso do Lagarto* (1989), *A vingança de Charles Tiburone* (1990), *Um brasileiro em Berlim* (1995), *O feitiço da Ilha do Pavão* (1997), *A Casa dos Budas Ditosos* (1999), *Arte e ciência de roubar galinha* (1999), *O santo que não acreditava em Deus* (1999) *O Conselheiro Come* (2000), *Miséria e grandeza do amor de Benedita* (2000), *Diário do Farol* (2002), *A gente se acostuma a tudo* (2006), *O rei da noite* (2008), *O Albatroz Azul* (2009), *Dez bons conselhos de meu pai* (2011)  
<sup>5</sup>„João Ubaldo Ribeiro ganha o Prémio Camões 2008”, *O Globo*, 9.1.2012, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/joao-ubaldo-ribeiro-ganha-premio-camoes-2008-3608286> (acesso em 9 de março de 2019).

<sup>6</sup>Cf. “Biografia de João Ubaldo Ribeiro”, disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro/biografia> (acesso em 9 de março de 2019).

e inspirada pelo fascismo italiano. Fundou o Estado novo em 1937. Neste ano também aboliu todos os partidos políticos e escreveu uma outra constituição nova que aprovou a censura, a pena capital e pôs muita poder aos mãos do presidente. O regime podia ser caracterizado como anticomunista e nacionalista. Embora o regime simpatizasse com os fascistas, em 1942 alinou com os Países Aliados na Segunda guerra mundial. Klíma<sup>7</sup> comenta que num lado, durante o governo de Vargas a vida do povo melhorou-se (antes do golpe de estado, havia uma crise económica no Brasil), porque ele, por exemplo, aprimorou a saúde pública e as condições para trabalho, mas num outro lado ele perseguia sem piedade o elite intelectual do país (especialmente as pessoas que criticaram a situação no país – por exemplo, queimou uma parte grande dos exemplares de *Vidas Secas* (1963) de escritor brasileiro Graciliano Ramos) e os oponentes do regime. Em 1945 os brasileiros elegeram o presidente bastante democrático - Eurico Dutra. Apesar de que o Vargas venceu na eleição presidencial outra vez em 1950 o regime já não era tanto autoritário, mas sempre promoveu o nacionalismo muito forte. Em 1954 Vargas suicidou-se.

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que governou entre 1956-1961, era bastante democrático, deixou construir o capital novo na cidade de Brasília e a económica cresceu, contudo, nesse tempo a inflação foi grande. Em 1964 a armada privou o presidente Jânio Quadros do poder e inicia-se a ditadura militar que durava vinte e um anos. Escreveram uma constituição nova para consolidar o seu poder em 1967. Era o regime muito cruel, nesse tempo usavam a censura geral e detiveram e assassinaram os seus oponentes. Por isso esse tempo se chama ‘Os anos do chumbo’. Até hoje há casos não resolvidos do desaparecimento das pessoas. Desde 1975 o presidente Ernesto Geisel declarou o processo da liberação do regime. Na eleição do presidente em 1984 o José Sarney ganha e com a constituição de 1988 inicia-se o período democrático que dura até hoje.

---

<sup>7</sup> KLÍMA, Jan. *Stručné dějiny-Brazílie*. Praha: Nakladatelství Libri, 2003, p. 124-126.

### 3. Análise literária do livro

#### 3.1. Apresentação do livro e das características de crónica

Em 1990 João Ubaldo Ribeiro foi convidado para a Alemanha pelo DAAD, o que é uma organização maior da Alemanha especializada em cooperação internacional académica e, decidiu aceitar o convite. Depois da chegada o jornal alemão o *Frankfurter Rundschau* ofereceu ao autor a possibilidade de escrever regularmente as crónicas e assim se tornou um colunista. As crónicas que escrevia durante quinze meses tinham tanto sucesso que o editor resolveu reuni-las num volume com o título *Ein Brasilianer in Berlin* que foi lançado em 1995. Quando o escritor voltou para o seu país natal, os editores queriam publicar o livro também aí e seguidamente, foi um grande êxito também no Brasil. O próprio autor, numa entrevista para o *Deutsche Welle*, o comentou assim:

Acho curioso, porque esse livro não era planejado nem para a Alemanha e menos ainda para o Brasil. Ele é resultado de um convite que o jornal *Frankfurter Rundschau* me fez para colaborar. Eles não estavam esperando crónicas, que é um gênero meio brasileiro. No começo estranharam, mas leitores começaram a escrever dizendo que estavam gostando. Quando fui embora de Berlim, sugeriram que fizesse um livro. Relutei. Mas fizeram o livro do mesmo jeito e foi sucesso aqui na Alemanha.

Quando voltei para o Brasil, quiseram fazer o livro lá e fui contra, achando que não interessaria aos brasileiros. Mas foi um sucesso. Depois, na Copa do Mundo da Alemanha, fizeram uma edição especial para os brasileiros que viriam a Berlim e fiz um texto adicional explicando o uso universal da palavra "bitte" [risos]. E o livro até hoje continua sendo publicado. Com muitas ressalvas, eu poderia dizer que sou um escritor popular na Alemanha. Sempre que venho para leituras, aparece muita gente – brasileiros e alemães.<sup>8</sup>

Nesta entrevista o autor fala sobre a crónica como um gênero meio brasileiro porque é muito popular no Brasil. Os autores que escreviam este gênero são, por exemplo, Joaquim Maria Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade ou Carlos Heitor Cony. Os textos do nosso livro têm características típicas da crónica - são os textos bastante curtos com um tom irónico e humorístico, que tratam dos acontecimentos corriqueiros durante o período do tempo limitado, geralmente escrito para os jornais ou revistas. Sendo o texto curto, não há descrições detalhadas e tem poucas personagens. O enredo é simples e a língua é usualmente compreensível e coloquial. Aqui, cada crónica tem habitualmente duas páginas. Geralmente, as crónicas podem ser divididas em descritivas, narrativas, humorísticas, jornalísticas e históricas. A maior parte deste livro pode ser classificada como uma crónica narrativa e humorística.

---

<sup>8</sup> „João Ubaldo Ribeiro: Sinto um vínculo cultural com a Alemanha“. *DW*, 13.10.2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/jo%C3%A3o-ubaldo-ribeiro-sinto-um-v%C3%ADnculo-cultural-com-a-alemanha/a-17155214> (acesso em 18 de abril de 2019).

## 3.2. Caraterística e a temática das crónicas escolhidas

### 3.2.1. A caraterística do estilo literário

Para que o leitor tenha alguma noção sobre as crónicas traduzidas é preciso de caracterizá-las e descrever a sua temática. O tema geral deste livro é a migração, a convivência de culturas com as línguas e costumes distantes. O livro abrange dezasseis crónicas originais e uma mais nova que foi escrita em 2006. Como já dissemos no capítulo anterior, o género da crónica não precisa de muitas personagens e estes textos não são nenhuma exceção. Temos aqui o eu lírico – o escritor, a sua esposa e os seus filhos. O autor descreve como todos passaram o tempo durante esses quinze meses na Alemanha (todas as crónicas traduzidas estão situadas na Alemanha) e até se confia com as situações embaraçosas que tinham experienciado em Berlim. Desta maneira o escritor tenta de aproximar-se ao leitor que se sinta como um amigo muito próximo da família Ribeiro. Às vezes aparece alguma outra personagem, por exemplo, os amigos da família, a empregada na caixa do supermercado, a polícia e outros, mas geralmente não têm uma função significativa no enredo.

Na maior parte, as crónicas têm aproximadamente duas páginas, pois são bastante curtas. Podemos evocar a estrutura destes textos de João Ubaldo Ribeiro na crónica *Vida organizada*. Primeiro, o autor introduz o tema da narração – aqui vemos a problemática que trata a linguagem e as traduções, nomeadamente, é sobre a tradução da palavra „amanhã“. Depois, desenvolve, explica ou comenta o tema – os significados reais do „amanhã“ e as interpretações erradas que os estrangeiros fazem e por que. A última parte da crónica é um acontecimento humoroso. Todas as crónicas têm a estrutura semelhante a esta e os capítulos não são cronologicamente ligados.

Todo o texto é escrito com a ironia tão típica de Ribeiro. O autor usa a ironia e comparações variadas para criar o tom divertido: (p.7) “tomar drinques iguais aos arranjos da cabeça de Carmem Miranda” ou (p.16) “a possibilidade de que os brasileiros passassem a andar com uma espada entre os dentes, fazendo ha-ha-ha-ha e dando pulsos de dez metros, era certamente alarmante”. Além destes, aproveita também o humor situacional. O Jorge Amado comentou: "No exercício da crônica semanal, o escritor João Ubaldo tem tratado de forma exemplar assuntos fundamentais de nossa vida nacional. Ao contrário da maioria de nossos intelectuais, medrosos de enfrentar o 'politicamente correto', João Ubaldo pensa por sua própria

cabeça, diz as verdades nuas e cruas.”<sup>9</sup> Embora de Ribeiro escrever de uma maneira diferente dos intelectuais brasileiros desse tempo, não podemos dizer que as suas crónicas sejam uma leitura simples. Ao contrário, os textos são bastante complexos e o autor tem gosto de demonstrar a sua erudição. Podemos ver muitas referências às personalidades ou acontecimentos históricos, que a maioria das pessoas possivelmente não conheça. Indicando o exemplo das crónicas traduzidas, em *Sexy Brasil, Sexy Berlin* o autor refere a (p.7) Messalina, que era a imperatriz na antiga Roma, tinha uma vida sexual muito rica e planejava assassinar o seu marido para fazer o golpe de estado. Assim vemos que autor tem os conhecimentos muito bons sobre a cultura e a literatura.

O facto de que nos deparamos com várias línguas nas crónicas é parcialmente causado pela erudição que o próprio autor gosta de exhibir e, parcialmente pelo ambiente. Os exemplos do primeiro grupo são as frases na língua inglesa ou francesa – (p.4) “Hélas!” (p.14), “Touché”, ou (p.14) „When in Rome do as Romans do”, que uma pessoa habitualmente não usaria na vida diária. Expressões na língua alemã encontram-se nos textos pelo motivo de acercar a realidade berlinense ao leitor e evocar as mesmas emoções que o autor sentia, por exemplo, quando não entendia nada o que as pessoas diziam. Além dos nomes das ruas, lugares e pessoas, no texto há várias frases básicas da língua alemã, tal como (p.4) “Ich bin ein Berliner.“, (p.4) “Grüß Gott.“ ou (p.12) “Das ist Geld!”.

### **3.2.2. Os temas desenvolvidos no livro**

#### 3.2.2.1. Temática do desconhecido

Praticamente, todo o livro é ligado com o tema de mudança e de adaptação ao ambiente totalmente novo. Primeiro, uma pessoa deve ultrapassar o facto, que está num ambiente desconhecido. Isto podemos ver no capítulo *Chegada*, onde autor descreve a viagem num avião na classe económica do Brasil para a Alemanha. Este texto serve bem como uma introdução do livro. Qualquer pessoa que já tinha viajado num avião na classe económica pode identificar-se com os comentários do escritor. O autor pensa sobre as causas da predileção pela Alemanha e resolve que é possível que tenha sido alemão na sua vida pregressa. Na entrevista com o DW, Ribeiro comenta:

Tem tantas coisas de que gosto na Alemanha. Meu compositor favorito é de longe Bach, um dos meus autores preferidos é Thomas Mann, enfim, me sinto com uma vinculação cultural com o

---

<sup>9</sup> Aput. „Descrição de Um Brasileiro em Berlim“. Livraria *Saraiva*. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/um-brasileiro-em-berlim-3528472.html> (acesso em 18 de abril de 2019).

país – que me é muito simpático e muito próximo sentimentalmente. Então, fiz essa brincadeira numa crônica.<sup>10</sup>

### 3.2.2.2. Temática da língua estrangeira

Uma pessoa que muda de casa também tem de superar a língua estrangeira. O autor dedica-se a esta problemática nas várias crônicas. No *Tartamudo do Kurfürstendamm* descreve as situações quando se embaraçou muitas vezes porque não falava quase nenhum alemão. Por exemplo, quando precisava de uma sacola no supermercado e não soube a palavra que a designa, quando teve medo de pedir selos, quando não entendi uma pergunta sobre o Bratwurst, ou quando não podia fazer-se entender com um reparador no momento em que o fogão quebrou. Na crônica *Vida organizada* explica o problema com as traduções, concretamente com a palavra “amanhã”, cujo significado é muito mais extenso para os brasileiros do que para os alemães e, geralmente os estrangeiros que falam português não entendem o que significa quando alguém no Brasil dizer que iria fazer alguma coisa amanhã. Para um brasileiro designa várias coisas, por exemplo, (p.5) “nunca”, “talvez”, “vou desaparecer”, “não quero” e outros.

### 3.2.2.3. Temática da adaptação à sociedade alemã

Logo depois o desconhecido e a língua estrangeira, uma pessoa deve enfrentar o facto, que é num país com a cultura, as maneiras e a gente completamente diferente e sofre um choque cultural. Este tema é o mais extenso nas crônicas. Ribeiro dedica um capítulo - *Educação financeira* a comparação entre a atitude dos alemães e a dos brasileiros sobre dinheiro. Aqui o escritor explica o problema que têm com a moeda alemã, porque o dinheiro no Brasil na verdade não tem nenhum valor e a inflação pode chegar até os três por centos num dia só. Por isso, toda a família não sabe poupar. O autor resolve dar nomes às moedas e assim cuidar delas, porém, assim ~surge um outro problema – a dificuldade de gastá-las.

O capítulo que trata os predileitos que os alemães têm sobre os brasileiros é *Sexy Brasil, Sexy Berlin*. No início, Ribeiro enumera as perspetivas que as pessoas geralmente têm sobre o Brasil. Menciona praias, tempo tropical, mulheres quase nuas, índios e outros e explica que é difícil enfrentar estas perspetivas na Alemanha. A situação divertida acontece quando o Bento descobre um programa com a temática sexual. Os pais tentam de cansá-lo num parque, para que não olhe esta programa durante a noite. Nesse parque o Bento vê algumas crianças nuas e depois comenta, que a Alemanha é um país com muita safadeza.

---

<sup>10</sup> „João Ubaldo Ribeiro: Sinto um vínculo cultural com a Alemanha“. DW, 13.10.2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/jo%C3%A3o-ubaldo-ribeiro-sinto-um-v%C3%ADnculo-cultural-com-a-alemanha/a-17155214> (acesso em 18 de abril de 2019).

Também o capítulo de *Crime do Storkwienkel* trata a adaptação pelo ambiente diferente. Quando a polícia chega para que investigue o caso de uma churrasqueira perdida, Ribeiro está pensando sobre o crime que podia ter cometido e comenta (com ironia) que é possível que na Alemanha seja o crime comer o Bratwurst sem mostarda.

#### 3.2.2.4. Menções sobre a história

Nas crónicas há várias menções sobre a história. Para que o leitor checo entenda a elas, decidimos incluir um capítulo breve sobre o contexto histórico no Brasil (veja 2.3.). No capítulo *O crime do Storkwinkel* o autor explica porque, como um brasileiro, tem medo da polícia. Nesta explicação menciona vários momentos que passou no Brasil ainda como um jovem. Há referências ao regime ditatorial que havia no Brasil entre 1964 e 1985 e, os problemas com as autoridades que o autor nesse tempo teve como um jornalista militante. O escritor narra as histórias da maneira humorosa, mas o leitor apercebe-se que são a censura e a perseguição que o autor descreve. Outras menções históricas temos, por exemplo, na crónica Educação financeira onde resume brevemente o desenvolvimento da moeda brasileira, ou na crónica Chegada, onde refere a Napoleão Bonaparte e a batalha de Waterloo.

## 4. Tradução para a língua checa das crônicas escolhidas

### 4.1. *Chegada*

#### Příjezd

Ten, kdo není schopný zvládnout pětiboj na Olympijských hrách, by neměl vůbec zkoušet cestovat z Ria de Janeiro do Berlína v tom, co letecké společnosti nazývají „ekonomická třída“, přestože vědí, že se jedná spíš o eufemismus pro „vagon buvolů“ (až na jídlo, protože to pro buvoly je zaručeně lepší). Právě na to jsem myslel, když jsem se vzbudil chvíli před přistáním, a šel jsem bojovat s ostatními buvolů o místo ve frontě na toaletu. Kdokoliv se někdy zúčastnil něčeho podobného, pamatuje si to navždy: dojemná přehlídka úzkostlivých stařenek, mladí páni s překříženýma nohama a očima zabodnutýma do stropu, dámy s kabelkou v ruce, které předstírají, že se tam jdou jenom přepudrovat, přísný gentleman, který sleduje lidi stojící před ním se značnou záští a všeobecné pobouření kvůli jedné silnější paní, která právě vešla, zavřela za sebou dveře a nesla v ruce výtisk Kouzelného vrchu, chlapec s kapajícím nosem vysvětlující matce, že pokud ho někdo okamžitě nepustí, nezodpovídá za to, co se stane.

Kdepak pětiboj... desetiboj, říkám si znovu, když přistaneme ve Frankfurtu a utápíme se v brašnách a kufrech. Zjistili jsme, že náš navazující let bude odbaven u brány A-23, hned napravo od A-42, za B-28 a přes kontrolu pasů, nebo jednodušší cestou, jenom o tři kilometry delší, u A-17 doleva, ne přes chodbu B, ale přímo vstříc cíli, a po cestě nezapomenout na kontrolu zavazadel u A-15E. Zkusíme obě možnosti. V průběhu dvou hodin stojíme v řadě pasažérů letících do Bangladéše, odcházíme v poslední chvíli přímo do fronty italských turistů, kteří se jedou podívat na kurtizány do Hamburku, podepisujeme petici za nezávislost Litvy, protože jsme mysleli, že se zapisujeme na seznam pasažérů do Berlína, málem se zařazujeme do skupiny Japonců, která se přijela obeznámit s frankfurtskou burzou a nakonec prcháme z travelátoru, který by nás dovezl do Bad Homburgu bez přestupu, a když zvedneme oči, „Zázrak!“ – nacházíme se přímo před A-23. Moje unavená šestiletá dcera Čika, si oddechla, stejně jako my všichni, a dodala:

„Německo je větší než Brazílie, že, tati?“ „Ne. Brazílie je daleko větší.“

„No možná, ale tohle letiště ve Fanfu je určitě větší než Brazílie, ne?“

„Ano, to je pravda, sem se vejde i pět Brazílií.“ souhlasil jsem, když jsem se řítíl na sedačku, rozhlédl jsem se a poprvé si uvědomil, že jsem v Německu a pokud půjde všechno podle plánu, ještě tady budu hodně dlouho.



Proč Německo? Ano, na to je více vysvětlení, a ty jsou řekněme povrchní a podružná: byl jsem pozvaný od DAAD, žívím se psáním, a proto můžu pracovat odkudkoliv, mám tady přátele atd. atd. Ale tohle nestačí, protože vím, přestože to nedokážu vysvětlit, že existuje něco víc mezi touto zemí a mnou. Něco záhadného. Pořád přemýšlím, jestli jsem nebyl v minulém životě Němec. Pokud Shirley McLainová měla tolik minulých životů, proč bych já nemohl mít alespoň jeden? Sleduju rozvážného pána vedle sebe, s kloboukem elegantně ozdobeným nějakým peříčkem, který je v krásném kontrastu s jeho strohým výrazem. Ano, možná že jsem kdysi býval Bavorák, tloušťák jménem Johannes, slavný po celém Mnichově svou schopností konzumace piva ve velkovýrobních objemech – Bavorák jako každý jiný, myšleno pouze v dobrém. Skoro se otáčím k tomuto svému krajanovi a říkám mu s úsměvem: „Grüss Gott!“. Ale ovládnul jsem se. Možná jsem byl v minulém životě Bavorák, ale bohužel do svého současného brazilského ztělesnění jsem si nevzal znalost německého jazyka, kterým momentálně nemluvím lépe než člověk neandrtálský.

Blouznění však nepomíjí. Toto moje propojení s Německem, to, že se sem pořád vracím, že se tu čtou moje knihy, že tady mám tolik přátel, že se tady cítím tak dobře... Ano, moje příjmení se dá přeložit jako Bach. Ano, mým dalším převtělením byl určitě jeden z příbuzných Johanna Sebastiana. Čistil jsem cembalo, které můj bratranec tak dobře temperoval, a plnil jsem další menší úkoly v Braniborsku, totiž takové, které mi můj hudební talent dovoľoval, jako například pohánění měchů kostelních varhan. No možná, snad.

Nástup na palubu je ohlášen, vcházím do letadla roztržitý, a ještě pořád přemýšlím o svojí neurčité německé identitě. Zrovna jsem byl v 18. století na bále v Magdenburgu v nápadné vojenské uniformě a v tom jsem zahlédl krásnou dceru Burgermeistera, když Čika vyrušila moje reminiscence a dala mi loktem.

„Tati, tati, Berlín! Berlín!“

Ano, Berlín! Vstal jsem, chňapnul brašny a kufry a nasměroval se se vypjatou hrudí k východu. Berlín, nový život, historie rozvíjející některé ze svých povzbudivých kapitol před mými zraky, sláva a emoce už jsou tady a čekají mě s otevřenou náručí.

„Hélas!“ jak vykřikl Napoleon na louce ve Waterloo v den, kdy jsem měl příležitost ho vidět, v mé tehdejší hodnosti praporčíka pruského regimentu. Ne všechno se dá předvídat, ať už jste Bonaparte, nebo Bach. A podívejme, dnes jsem tady coby plnohodnotný obyvatel Berlína, sice vám nemohu vyprávět o slávě, ale za to vám povím příběhy trochu melancholické, jako například o Koktalovi z Kurfürstendammu, o přízraku ze Storkwinkelovy a o obří mouše

z Schwarzbacher StraÙe. Příběhy, které vám povyprávím nyní, jestli dovolíte, a i ty, které vám povyprávím později, pokud budete mít strpení.

„Ich bin ein Berliner.“, jak už jsem řekl.

## **4.2. *O Tartamudo do Kurfürstendam***

### **O Koktalovi z Kurfürstendammu**

Myslím, že už jsem dost známý v okolí Kurfürstendammu (neboli Ku'dammu, jak my Berlínané přezdíváme naši nejslavnější třídě), což je blízko místa, kde žiji. Rád bych řekl, že tēhle svojí slávě vděčím přátelství, které jsem navázal se svými sousedy, prodavači v obchodech a supermarketech, pošťáky, policisty, popeláři, obsluhou kiosků a dalšími, kteří tady válčí. Také by mě potěšilo říct, že jsem tak známý díky své fyzické kráse, která okouzluje dívky a dámy ze všech společenských vrstev. Stejně tak bych byl spokojen, kdybych mohl pohledy uznání připisovat hrdosti, kterou by cítil každý, když by se dozvěděl, že tak proslulý spisovatel přebývá v jeho sousedství. Vlastně mě napadá další zhruba desítka důvodů, které by mě potěšily.

Já chudák. Nic z toho není pravda. Ano, už je čas, abyste se dozvěděli pravdu – to já jsem Koktal z Ku'dammu. Ano, jsem to já sám, možná už jste o mě slyšeli. Já jsem ten, co se zastavuje na rohu Westfalische StraÙe, sklíčenost špatně maskuje kyselým úsměvem, rozhlíží se na všechny strany, předstírá, že jde, ale pak nejde, vytáhne z kapsy slovníček, roztřeseně ho pročítá, dokud na něho nepřijde náhlá slabost, přiloží si ruku na čelo a sedne si na lavičku na Henriettenplatzu. A je to právě Koktal, kdo teď sbírá odvalu čelit dalšímu ze svých hrůzostrašných dobrodružství. Troufne si znovu vejít do papírnictví a zkusí se zeptat, jestli mají nálepky „mit Luftpost“? Nemůže zapomenout na první den, kdy se o to pokusil. A po tolika pokusech dosáhl jedině toho, že ze sebe skoro seizmicky vykoktal „flugpostiketten“ přičemž mu řekla ne moc přívětivá paní za pultem několik slov, které pro něho sice byla nesrozumitelná, ale byly jasnou narážkou na jeho chudinku paní matku, která prý není odpovědná za to, že on ještě nezvládl, přes všechno úsilí, dobýt krásný, avšak tolik obtížný jazyk německý.

Ano, na to nikdy nezapomene ani při dalších příhodách, které jsou podobně deprimující. Jednou když velice odvážně požádal o Bratwurst v jednom kiosku na už zmíněném Henriettenplatzu, slyšel od ostatních zákazníků jen domnělé narážky na jeho nízkou inteligenci, následované chichtáním i řehotem po tom, co odpověděl „ja“ na otázku, které tak úplně nerozuměl. Jednou, po mnoha pokusech plných snažení, sesbíral odvalu nastoupit do autobusu sám a odrecitovat název lístku, který se pracně naučil nazpaměť, jenom aby učinil fatální omyl, že dal drobné místo na příslušný tácek přímo řidiči. Znovu narážky na jeho očividnou mentální

debilitu, znovu pochichtávání přihlížejících. Jindy, když neznal (a nenapadlo ho si vzít slovník) slovo označující „tašku“, si vystačil s tím, že na ni ukázal pokladní supermarketu, která tím byla nehorázně pohoršena a začala vykřikovat tak hlasitě, že to muselo být slyšet z Hallensee až do Wannsee:

„Das ist kein dah-dah-dah-dah! Dast ist kein buh-buh-buh-buh! Das ist eine Tüte! Das ist eine Tüte! Das ist ein Tüüüüte, ja? Eine Tüüüüte!“

Ano, ale Koktal se alespoň utěšuje tím, že po tomto zážitku už nikdy nezapomene důležité slovo „Tüte“, které je nyní nezapomenutelně vyryté v jeho paměti. Na jeho špatně osvětlené lavičce na Henriettenplatzu už mu studený pot neskráplí čelo tak hojně. Ano, toto všechno je přirozené, to ho neodradí. Jednoho dne se konečně naučí, jaký je rozdíl mezi ‚welches, welche‘ a ‚welchem‘, jednoho dne bude umět dát jedno sloveso sem a druhé zase o dvě míle dál, a proto musí neúnavně studovat. Ano, půjde do papírnictví, požádá o nálepky, pak půjde do obchodu s kuchyňskými potřebami, protože ho manželka požádala, aby koupil novou pánev, která je doma potřeba.

„Vpřed!“ rozhodne se se znovu nabytou odvahou a odhodlaně se zvedne z lavičky na Henriettenplatzu. Ale, ale... ale to mu znovu přivodí bledost čela a studený pot, opět zavravorá a nervózně nahmatá slovník. Ano, hrnec mu připomene sporák, a sporák mu připomene opraváře sporáku. Opraváře, který přišel spravit před několika dny rozbitou troubu. Kolik strachu mu přinesla vzpomínka na opraváře, který odmítl mluvit pomalu a čím víc ho žádali o prominutí, že neumějí dobře německy, tím víc ječel „Kaputt, kaputt!“, a když odcházel, aniž by troubu opravil, vypadal, že hodlá z brašny na náradí vytáhnout kulomet, pokud by na opravě trvali.

Ne, ne, opravář by mohl mít nějaké příbuzné v obchodě s kuchyňskými potřebami. Koktal se neodvážil znovu riskovat. Bude lepší vrátit se domů, trochu víc si to nastudovat, tak aby zítra uměl nazpaměť „Mit luftpost.“ a „Eine pfanne, bitte“. Vrátil se domů, vzal do ruky učebnici němčiny, že se bude učit, ale v tom ho vyrušil telefonát od přítele, kterému si stěžoval, že Berlín už není to, co býval a že se mu zdá, že teď tady panuje zášť vůči cizincům.

„Ale ne.“ odpověděl on, který žije v Berlíně od narození. „Je to vztek na samotné Němce. Na Němce z té druhé strany.“

„Jaký vztek na Němce? Já snad vypadám jako Němec?“

„Ne, ale můžeš se zdát jako Polák, Rumun, Maďar, Jugoslávec... Tady to je všechno jedno a to samé. Budeš si na to muset zvyknout, je nová doba.“

Koktal z Ku'dammu zavěsil s machiavelským úsměvem na rtech. Takže takhle to je, co? Výborně, pokud mě považují za nepřítele, budu nepřítelem.

„Ženo,“ řekl, když vcházel do pokoje, kde právě sledovala (značně zapáleně, přestože ničemu nerozuměla) televizní stanici ZDF, „už jsem to vymyslel. Neříkají si snad o to? Hned zítra si koupím trabant a jdu do boje.“

### **4.3. *Sexy Brasil, Sexy Berlin***

#### **Sexy Brazílie, Sexy Berlín**

Moc dobře znám představu o Brazílii. Mluvit o Brazílii vyvolává myšlenky na indiány, Amazonii a vojenské diktátory ověšené medailemi velkými jako lívance a řvou ve španělštině s barbarským přízvukem rozkazy popravčím četám v přestávkách mezi nervózními telefonáty do švýcarských bank. Skutečnost, že Brazilec jako já se přiznává k tomu, že nikdy nebyl v Amazonii (pouhých šest hodin cesty přímým letadlem z Ria de Janeiro), že za celý život viděl jenom dva indiány (z nichž jeden byl federální poslanec v obleku a s kravatou), že mluví špatně španělsky, jelikož jeho rodným jazykem je portugalština, cizince opravdu mate a následně si myslí, že mají co dočinění s podvodníkem, nebo s cynickým lhářem.

Znám i tu další představu o Brazílii, takovou, kterou mají v hlavě lidé, kteří sní o tom, že jednou pojedou dobýt tropy, bavit se za nekonečného svitu slunce, popíjet koktejly, které jsou naaranžované jako účesy Karmen Mirandové (která, jen tak mimochodem, nebyla rodilá Brazilka), až do úsvitu tancovat lambádu ve vstupní hale hotelu a usínat mezi oslnivými mulatkami, jejichž standardní chování dělá z Messaliny sestru ctnosti. Tihle nikdy nepropásnou dokument o karnevalu a o plážích, slintají nad turistickými plakáty, na kterých jsou ženy v mikroskopických bikinách a myslí si, že když jedou dolů od rovníku, všechno ostatní jde dolů taky, včetně kalhot, podprsenek a sukní a všeho ostatního, co by mohlo bránit brazilskému životnímu stylu, v zemi uvolněných mravů, kam by se neměly vozit německé babičky a jiné úctyhodné paní.

Ta první představa je obvyklejší. Kdysi když jsem ještě studoval ve Spojených Státech, zkusil jsem při jedné večeři v Arizoně s obličejem téměř v talíři trochu zachrochtat a mělo to ohromný úspěch. Je jasné, že mi tenkrát bylo pouhých dvacet let a v tom věku děláte určité věci, které už ve čtyřiceti neděláte, ale pořád je možné naplnit představy přátel ze zemí prvního světa. Stačí vypadat trochu primitivně, zasmát se a tvářit se udiveně nad technologickými vymoženostmi, jako například elektrický sporák, lednice, nebo i pouhý zapalovač. Vlastně cokoliv, co není vyrobeno ze dřeva nebo kůže, se hodí. Villa-Lobos, velký brazilský skladatel (nebo kolumbijský, venezuelský, nebo bolivijský, je to všechno jedno a to samé), se bavil tím,

že v Evropě vyprávěl, jak se v Brazílii jí lidé. A i já, který jsem napsal pár povídek o kanibalismu, jsem, pokud vím, v Norimberku jednou ucítil nervozitu ze strany mé spolustolovnice pokaždé, když jsem se jí podíval na ruku a pořádal ji o kečup (ale odolal jsem a nekouzl jsem ji).

Druhé představě je těžší čelit. Nepořádat večeřečky, kde jsou všichni nazí, je obzvlášť tady v severních územích vnímáno s pochopením, hlavně kvůli zimě. Ale to ostatní ne. Pamatuji si jednu kamarádku, která nás jednou navštívila tady v Evropě. Když poprvé šla do nějaké restaurace se svým evropským obdivovatelem, musela neustále opakovat:

„Alespoň dovečeříme. Ne! Tady ne!“ . Zřejmě měl za to, že mužnost příslušných zemí by byla zpochybněna, pokud by nekonali svou povinnost hned po přinesení prvního martini. Koneckonců vždyť to byla typická Brazílka.

Se dvěma malými syny a jistou reputací, kterou si je třeba udržet, jsme tady v Berlíně prozatím byli za obezřetné exoty. Ale je to těžší obzvlášť po Sexy Berlíně a vážných okolnostech, které nastaly na Hochmeisterplatzu. Nevím přesně, co je Sexy Berlín, ale nedávno jsme nachytali našeho syna Benta sledovat Sexy Berlín v televizi se zájmem, který je možná na jeho osm let poněkud předčasný, obzvlášť když by se dal Sexy Berlín shrnout jako představení...jak bych to řekl...žen v intimních situacích. Bento chtěl vědět, jestli opravdu takhle vypadají berlínské ženy v noci. Ujistili jsme ho, že vůbec ne, že to byla jenom ojedinělá epizoda, nic jiného. On je ale i nadále horlivým divákem vždy, když jsme nejsme dost ostražití.

Abychom reagovali na tento mylný dojem, který mohl nabýt o přátelské zemi, ve které teď přebýváme, obrátili jsme se k ekologii. Ne, ne, bude pěkně trávit volný čas tady blízko v parku s ostatními chlapci. A tak jsme objevili starý dobrý Hochmeisterplatz, a očekávali jsme, že se tam dostatečně unaví, aby neměl energii pozdě v noci vstávat kvůli Sexy Berlínu.

Naneštěstí jsme ale neuspěli. Jakmile nadešel v Berlíně první teplý den, přišel na oběd on, který jí ze všeho nejraději (jestli to tak pořád je si nejsem jistý, dřív to tak bývalo) jen z donucení a hned se zase ptal, v kolik hodin se může zase vrátit do parku. Jeho zájem mě překvapil, a nakonec se mi přiznal s očima ještě víc vykuleným než u Sexy Berlína:

„Tati, na Hochmeisterplatzu všichni byli nazí! Dokonce tam byly dvě holky, co si dávaly pusy na pusy!“

No, vysvětlování a zase vysvětlování. Tady být na ulici nahý, to není jako v Brazílii, kde se to považuje za nemravné. Tady je to normální, děcka si tady chtějí jenom užít sluníčka a dát si před ostatními pár přátelských pusinek. Ale obávám se, že to moc nepomohlo, a jediné, co z toho můžeme vyvodit je stará známá pravda, že život je plný ironie. A tak se mi Bento

včera přiznal, když jsme spolu mluvili jako chlap s chlapem, že by se chtěl stát Němcem. Tady je to o moc lepší, obchody tu jdou výborně a nikdo se tu neuráží ani nevzteká, tak jako v Brazílii.

„Jenom jedna věc,“, zamyšleně shrnul, „už nebudu zvat babičku, aby nás navštívila. Ona by tady nemohla jít ani do parku a už vůbec by se nemohla dívat na televizi, protože ona není zvyklá na tyhle německé nestoudnosti, vid’?“

#### **4.4. *Educação financeira***

##### **Finanční gramotnost**

Nejsem kompetentní v oblasti finančnictví ze dvou důvodů. Tím prvním je profese, jelikož kariéra spisovatele obvykle nijak zvlášť nenese. Vzpomínám si na jednoho spisovatele, který odpovídal na otázku, jestli se na knihách dá dobře vydělat.

„Ano, dá,“ odpověděl „pokud teda nejste spisovatelem.“

A opravdu. Vzpomínám si na cesty s nakladateli a spisovateli, jedni v první třídě, druhí v té ekonomické. Čas od času se vydavatel objevil, aby se podíval na spisovatele. Jak nám prý závidí na naši kreativitu, slávu, uměleckou svobodu. Ach ano, kéž by tak mohl být tady s námi místo toho, aby trpěl tu nudu ve předu. Ale víte, jak to je – noblesse oblige, co se dá dělat. Vracíval se celý posmutnělý ke svému palácovému křeslu, svému šampaňskému, svému prémiovému menu a nás tam nechal s naší slávou, naším vlažným pivem, našimi oschlými sendviči a našimi stevardkami, miloučkými asi jako seržant námořní pěchoty.

Tím druhým důvodem je fakt, že jsem Brazilec. V Brazílii nemáme peníze. Máme barevné papírky a penízky udělané nejspíš ze starých hrnců. A takhle to je už dlouho. Narodil jsem se, když byl milreis nahrazený cruzeirem. Jeden cruzeiro měl hodnotu tisíc reálů. Později se vláda inspirovala francouzským novým frankem a udělala nový cruzeiro, který měl tisíckrát větší hodnotu než ten starý. Po několika letech přišel cruzado, který měl hodnotu tisíckrát větší než nový cruzeiro. Vydržel několik měsíců. Když se ukázalo, že aby si Brazilec mohl koupit za cruzado krabičku cigaret, potřebuje kufr plný peněz, vytvořili nový cruzado. Ten taky nevydržel a teď jsme se zase vrátili ke cruzeiru, což byla operace, díky které se všem zkonfiskovaly úspory.

Protože při všech těchto zvratech nebyly podmínky na to, aby se v dostatečném množství tiskly nové bankovky, rozhodli se narazítkovat nové hodnoty na staré bankovky, a tak Brazílci přešli k soužití s barevnými papírky, na nichž razítka vyvracela to, co bylo vytisknuto. Někteří podivíni (mezi které já nepatřím) znají hodnotu těch bankovek, ale většina už to vůbec nechápe, takže v barech, zelinářství nebo kdekoliv, kde se kupují malé věci (na koupi velkých věcí se už nepoužívají peníze, ale systém založený na spoustě nepochopitelných značek, a který

je srozumitelný pouze pro ty, kteří mají doktorát z ekonomie, a nebo se platí dolary, naší skutečnou měnou), často narazíte na různé surrealistické diskuze. Kupující jednoho trsu banánů se zaplete do neuvěřitelných výpočtů, aby zjistil, jestli těch deset tisíc, co mu naučtovali jsou ty nové, nebo ty staré, kolik čárek má dát tam, nebo tam, a co se myslí těmi hliníkovými kolečky, na kterých je napsané cruzados, ale čte se to cruzeiros, a které ještě musí převést na centy, které sice nemají žádnou hodnotu, ale jsou součástí této komplexní transakce. Když jsem ještě byl v Riu, deníky psaly o případu jedné Američanky, která, když si na hotelu měnila dolary, dostala hysterický záchvat smíchu, když viděla ty tašky plné materiálu na výrobu konfet a malinkých mincí lehčích než polystyren, které nahradily její dolarovky. Rozumím tomu, protože i Brazilci v takových situacích dostávají záchvaty, ale až na to, že to nejsou záchvaty smíchu.

Naše situace v Německu je následkem toho velmi ožehavá. Teď ani nemluvím o tom, jak jsme urazili jednoho mého kamaráda z Berlína, který nerozuměl našemu ohromnému pobavení, když se obával, že by mohla zdejší inflace dosáhnout víc než tři procent za rok. Inflace u nás dosahovala také tři procenta, ale za den. (Později pochopil a soucitně mi nabídl dvojitou whisky.) Mluvím o finanční gramotnosti mé rodiny. Žádný Brazilec se nesehne, aby minci zvednul ze země. Například moji synové používají brazilské mince jenom na podepření dveří, do chrastítek, na ucpávání dřezu a na házení po sobě. Ale nyní jsme v Německu, kde peníze jsou opravdu peníze, přestože si Němci stěžují (ha, ha, ha, ha!), a kde rodina nedokáže vyžít, pokud budeme mít i nadále mince roztroušené po celém domě v takové hojnosti, že když jsme nedávno vyprázdnili pytlík od vysavače, našli jsme dostatečné množství peněz na koupi trabantu z druhé ruky.

Nevyhnutelné naučné tažení pro nás ze začátku bylo opravdu těžké. Ječet „Das ist Geld! Das ist Geld! se ukázalo být zbytečné, protože když vezmeme v potaz překlad, peníze v Brazílii neznamenaají vlastně nic. Dokonce jsme uspořádali všemožné domácí semináře, abychom si vštípili do hlavy respekt k feniku, ale to také nezabralo. Až, zaplat' Pán Bůh, nakonec zvítězila slavná brazilská vynalézavost. Vymysleli jsme, že každé minci dáme jméno. Tady ta je Frau Wein, po Bentově učitelce v Hallensee Grundschule. Chtěl bys snad, aby se někde válela, když je Frau Wein tak moc hodná? Tady ta je Marek, po tvém kamarádovi ve škole. No vyhodil bys snad Marka z okna? A tohle je naše kamarádka Ute. Snad bys vážně nechtěl Ute namačkat do mýdla?!

Zafungovalo to, i když je docela těžké si znát jméno každé mince, ale kluci si to stejně pamatují. Je to také složité proto, že například nedávno si tady v obchodě na rohu chtěla

prodavačka usnadnit vracení a zeptala se, jestli nemám 50 feniků a já jsem bez povšimnutí vytáhnul z peněženky Frau Wein, ale to už Bento zaprotestoval:

„Frau Wein ne, ta je naše!“. Souhlasil jsem, úzkostlivě si schoval Frau Wein a dal jsem ji zpátky na kopu mincí v mojí pracovně k Ute, Markovi, Michi, Rayovi, Dietzovi, Berntovi a tolika dalším německým kamarádům. Jenom se obávám, že nám to tady v Německu způsobí jisté snížení spotřeby, protože opatření, že budeme dávat jména mincím způsobilo, že je těžší je utratit. Přece nelze zacházet s milovanými osobami tak lehkovážně. Ale na druhou stranu, nepřispíváme snad ekonomické kultuře? To je otázka.

#### **4.5. Vida organizada**

##### **Organizovaný život**

Překlady jsou daleko komplexnější, než si lidé představují. Nemám teď na mysli sousloví, idiomatické výrazy, argotická slova, časování sloves, skloňování a podobné věci.

Tyhle věci se dají vyřešit ať už tak či onak, i když často přes obrovské utrpení překladatele.

Mluvím o nemožnosti najít ekvivalenci mezi slovy, která jsou zdánlivě synonymní, jednoznačná a univalentní. Tak například Němec, který umí portugalsky, odpoví bez váhání, že portugalské slovo ‚amanhã‘ znamená ‚morgen‘. Chudák Němec, který jede do Brazílie s vírou, že když Brazilec řekne ‚amanhã‘, reálně tím myslí ‚morgen‘. Stává se to opravdu jen málokdy. ‚Amanhã‘ je slovo neskutečně bohaté a jsem si jist, že kdyby sám velký Duden byl Brazilec, alespoň jeden svazek by jistě věnoval tomuto slovu, spolu s dalšími, u kterých je to podobně.

„Amanhã“ znamená mimo jiné „nikdy; možná; promyslím si to; mizím; najdi si někoho jiného; nechci; příští rok; jakmile budu potřebovat; někdy v dohlednu; změníme téma“, atd. No a v extrémně výjimečných případech to znamená i samotné ‚zítra‘. Jakýkoli cizinec, který někdy žil v Brazílii, ví, že aby pochopil, který z významů má na mysli brazilský mluvčí, který jako obvykle odpoví se srdečnou nonšalancí, že udělá tu nebo onu věc „amanhã“, jsou potřeba roky tréninku. V případě Němců je to určitě nejzávažnější. Nemám sice k dispozici spolehlivé statistiky, ale jsem si jist, že devět z deseti Němců, kteří potřebují v Brazílii lékařskou péči, ji potřebují právě kvůli náhodným ‚amanhã‘, které je při nejlepším dovádí k nervovému zhroucení, a to k velkému údivu ze strany jejich brazilských přátel.

„Ti Němci jsou prostě blázniví“, jak by kterýkoli z nich řekl.

Vina je tak trochu na straně Němců, kteří, přiznejme si to, vyžívají nadměrné množství jistot v tomto nejistém životě. Množství skoro tak velké, jako ta nesnesitelná kvanta předložek, které se nacházejí v jejich jazyce (momentálně studuji ‚auf‘ a ‚au‘ a ničemu nerozumím). Jsou



protikladem Brazilců, kteří většinou nemají sebemenší ponětí o tom, co budou dělat za půl hodiny, natož tak zítra.

Možná se všechno dá shrnout v jediné filozofické otázce o imanenci bytí, o přeměně, o principech identity a jiných záležitostech, o kterých děláme, že jim rozumíme a pak na nepříjemných večírcích lžeme o tom, co jsme četli a jak jsme trávili čas na univerzitě. Avšak v praktické rovině je to věc velice vážná. Kdyby měla Brazílie hranice s Německem, neříkám, že by vypukla válka, ale nějaká ta potyčka zcela jistě. A Německo by prohrálo hlavně proto, že by Brazílie ani nedorazila na bitvu v předpokládaných hodinách, spletla by si úterý s pátkem, nechávala by všechno na amanhã, zfalšovala by oficiální podpis na listině o kapitulaci, přivítala by Wehrmacht batukou v těch nejmíň vhodných momentech a všechno by pokazila, protože by plánovala obědy na šest večer.

Mluvím z vlastní zkušenosti. ‚When in Rome do as Romans do.‘ - rčení, které určitě má nějakou daleko víc šik latinskou verzi, bohužel tady ale nemám svoje knihy s citáty, které používám, abych vyvolal ve čtenářích pocit, že čtu Ovidia a Horácia v originále. Ať už v angličtině, nebo v latině, myslím, že to je velice moudrá myšlenka a hodlám ji dodržet do puntíku, když jsem teď Berlíňan, a to natolik, že nebýt mojí snědé pleti a mojí hrubiánské němčiny, nikdo by mě od ostatních Berlíňanů, co támhle na Adenauerplatzu popíjejí pivečko, nerozeznal, ani podle oblečení, ani podle chování.

Ovšem v určitých situacích je to opravdu složité, jako zrovna dneska. Zazvonil telefon, vzal jsem ho, volal nějaký Němec znějící sympaticky, ale zároveň slavnostně a chtěl vědět, jestli budu mít čas na interview šestnáctého listopadu, ve středu o půl deváté večer. Chápu, že pro Němce je těžké pochopit, že tenhle typ otázky je pro Brazilce nesrozumitelný. Jak může někdo něco naplánovat s takovým předstihem, a tak přesně? Ti Němci jsou opravdu blázniví. Nechtěl jsem ale být nezdvořilý, takže jsem se jako vždy obrátil na svoji ženu.

„Manželko,“ řekl jsem poté, co jsem volajícího požádal o chvilku strpení, „mám nějaké povinnosti na šestnáctého listopadu, ve středu o půl deváté večer?“

„Ty ses pomát!“ odpověděla. „Jak by mohl být někdo vůbec schopný odpovědět na takovou otázku?“

„Já vím, ale volá mi nějaký Němec, který to chce vědět.“

„Řekni mu, že odpovíš amanhã.“

„A co když zavolá zítra? Je to Němec, ten zítra zavolá, on neví, co znamená amanhã.“

„Ach, ti Němci jsou opravdu šílení. Jsi spisovatel, vymysli si nějakou poetickou odpověď, řekni třeba, že život je jedno velké amanhã.“

Zdalo se mi to jako dobrý nápad, ale rozmyslel jsem ti to a jenom odpověděl jsem jenom, ať zavolá zítra. Ale samozřejmě nevím, co mu mám zítra odpovědět. Šel jsem spát ustaraný, dokonce tolik, že jsem svojí ženě nechtěně dal loktem. Koneckonců Němci jsou organizovaní a je ostuda, že nedokážeme plánovat věci tak dobře jako oni. Co budu dělat?

„Poslyš,“ odpověděla a oplácela mi ránu loktem, „zeptej se ho, jestli Němci náhodou momentálně plánují znovusjednocení. A jestli to je Berličan, zrovna se ho zeptej, jestli by to nechtěl nechat na amanhã.“

„Touché.“ řekl jsem a přitáhl jsem si deku, abych si zakryl hlavu a rozhodl se, co mu na to zítra odpovím.

#### **4.6. *O crime do Storkwinkel***

##### **O zločinu na Storkwinkelově**

Sice nevím, jak to mají Němci, ale všichni Brazilci se bojí policie. Spousta lidí, které někdo okrade policii ani nezavolá. Hlavním důvodem je, že je to k ničemu, protože brazilská policie většinou nic nevyřeší. (V Brazílii nikdo nic neřeší, v dobrém slova smyslu. Kdysi jsme řešili fotbal, ale teď už ani to.) Dalším důvodem je to, že se všichni policie bojí a mají podezření, že pokud by k nim přišli podat stížnost, mohla by se policie rozzlobit, a když se rozzlobí, to nejlepší, co můžete udělat je být v bezpečné vzdálenosti.

Co se mě týče, mám dokonce daleko pádnější důvody. Když jsem býval student, chođival jsem na protesty a policie se tím cítila uražená. Svoje rozčilení projevovala slzným plynem, psy, obušky, pohlavky a dalšími způsoby komunikace. Když jsem býval militantním novinářem, policii rozčillovaly také mé komentáře, které se jí zdály nespravedlivé vůči režimu. Často mi starostlivě telefonovali a navrhovali mi, že by možná bylo pro moje zdraví lepší, kdybych se namísto politiky věnoval například chovům slepic nebo šampionátům v bridži. Jako spisovatel jsem s policií také nebyl moc zadobře, a přestože dnes žijeme v daleko přívětivější době, kdysi v časech ne tak shovívavých, byla kritika policie závažná věc. Navíc musím přiznat, že mám stejně raději *New York Times Book Review*. Pravdou ale je, že jsem byl vždy v dobré společnosti. Vzpomínám si na jednoho policistu, který před představením *Antigony* všechny energicky pokáral, i když s velkou benevolencí. Chápal, že ti, kdo zinscenovali takovou protistátní sviňárnu, byli jen dezorientovaní mladí lidé, svedení k hříchu pochybnou ideologií a špatným příkladem starších, kteří nás, místo starání se o náš tělesný a mravní rozvoj, vystavili takové slátanině. Jistě, na vině nebyli ti mladí, těm on odpouští, ačkoli, hru samozřejmě povolit nemůže. Jak se ale jmenuje to individuum, které tu hru napsalo? No ano, nějakému Sofoklovi

on neodpustí, ten půjde do basy určitě. Pamatuju si, že jsem tenkrát byl docela naštvaný, že jsem nebyl zatčen, a tak jsem přišel o šanci být Sofoklovým spoluvězněm.

Tato historka se může zdát přehnaná, ale pamatuju si, že jednou policie zakázala dávat v televizi Balet Bolšoj, protože se obávala naší bolševizace pokaždé, když nějaký Rus udělal ha-ha-ha s nožem mezi zuby nebo když tancoval kozáčka. Možnost, že by Brazilci začali chodit s nožem mezi zuby, dělat ha-ha-ha a skákat desetimetrové skoky, byla opravdu alarmující. Seznam by byl nekonečný a pravdou prostě je, že se bojím policie a obvykle přejdu na druhou stranu Ku'dammu, když se přiblížím k jejich místní služebně.

Ale osud je prostě osud. Kolem osmé hodiny ráno, když jsem ještě ani nebyl pořádně probuzený, zvoní u nás v Berlíně zvonek, jdu otevřít a málem umřu leknutím. Dva vážní džentlmeni praví: „Guten Tag“, předloží odznaky a dodávají: „Kriminalpolizei!“ Neumřel jsem jedině díky svým genetickým předpokladům, v mojí rodině totiž není ani jeden kardiak a zemřít stářím je u nás otázkou cti. V první chvíli jsem ale chtěl utéct přes balkon a křičet: „Jsem nevinný!“, vyskočit a hledat útočiště na Gabonském velvyslanectví. Moje žena, která je také Brazilka, stála za mnou a uklidňovala mě: „Neboj se, miláčku, jdu ti sbalit kufr, neboj se, oni tady lidi nebijí.“

Zůstal jsem v klidu, tedy až na třesoucí se nohy, studený pot, koktání, drkotání brady a podobné nenápadné signály, které mohly evokovat moji vinu. Nahlásil mě snad někdo za to, že jsem hodil cigaretu na chodník? Spáchal jsem snad zločin tím, že jsem se příliš dlouze díval na nějakou nahatou tlustou na Hallensee? Nedávno jsem snědl Bratwurst bez hořčice, je to tady snad vážný přestupek? Nebo si mě někdo spletl s teroristou? (Obvykle si mě pletou s kde čím, jenom ne s Němcem, nebo Brazilcem.)

„Spisovatel!“ křičel jsem svou oligofrenní němčinou. „Já používám prsty takhle!“ dodal jsem a u toho rukama ukazoval rozdíl mezi mačkáním spoušti a psaním na stroji.

Policisté ale nevypadali moc pobaveně. Znovu ukázali odznaky a ptali se na něco, čemu jsem nerozuměl. Moje žena to taky moc neulehčovala, když se ptala, kolik trenek mi má sbalit do kufru. Nakonec, když už jsem natahoval paže, aby mi mohli dát želízka, jsem zjistil, že mluví anglicky, a že díky Bohu rozumějí i koktané angličtině. Chtěli klíč od pudy. Jaký klíč od pudy? Já jsem ani nevěděl, že tu nějaká puda je. Ukázal jsem jim všechny svoje klíče, žádný z nich nebyl od pudy. Usmáli se, rozloučili se a odešli.

A přece jsme se z této návštěvy dosud nevzpamatovali. Možná, že se z toho nevzpamatujeme už nikdy. V noci jsme nespali a představovali si samé hrůzostrašné scénáře, jako třeba mrtvolky na půdě, dvě tuny kokainu na půdě, upír na půdě, ty nejhorší věci na půdě,

a za dobu, co ještě budeme v Německu se k půdě už nikdy ani nepřiblížíme. Den na to jsme ale našli na naší domovní nástěnce dopis. Nějaký souseď si stěžoval, že mu z půdy zmizel gril značky Lattenroste a žádal, aby mu ho dotyčný vrátil, nebo ho zaplatil a dal mu osmdesát pět marek do schránky. Ano, takže to byl ten zločin na Storkwinkelově, záhada ztraceného grilu! Obrovsky se mám ulevilo a už nikdy jsme žádný gril tady v Německu neviděli. Ale vzpomínka na Kriminalpolizei byla pořád hodně živá a jak se v Brazílii říká: Jistota je jistota.

„Manželko,“ řekl jsem poté, co jsem přečetl dopis „myslím, že koupím nějaký gril a nechám ho u dveří tady toho souseďa.“

„Výborný nápad,“ odpověděla, „a pro jistotu mu hoď do schránky i těch osmdesát pět marek.“

## 5. Comentário da tradução

Entre a língua portuguesa e a língua checa há várias diferenças tanto no vocabulário como na gramática e esta divergência pode causar problemas numerosas durante a tradução. Neste capítulo vamos discutir estes problemas ligados às crónicas escolhidas e explicar como os solucionámos. Resolvemos dividir o comentário em duas partes – problemas relacionados com o léxico e problemas relacionados com o sistema gramatical.

### 5.1. Problemas ligados com o léxico

O léxico é o termo da linguística que podemos definir “numa perspetiva comunicativa, como conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si.<sup>11</sup> Ou da maneira mais simples, é o vocabulário completo de uma língua. O português e o checo são línguas culturalmente, historicamente muito diferentes e cada um pertence num grupo diferente das línguas (o português é do grupo das línguas românicas, enquanto o checo é do grupo das línguas eslavas). Em consequência, quando traduzimos a língua portuguesa (sendo no nosso caso a língua-fonte) para a língua checa (no nosso caso a língua-alvo) originam-se vários problemas.

#### 5.1.1. Palavras polissémicas

Palavras polissémicas são palavras que apresentam mais de um significado na língua-fonte e assim também vários equivalentes na língua-alvo. Segundo Knittlová<sup>12</sup> escolhemos o sentido apropriado para o nosso texto segundo o contexto situacional (extralinguístico), contexto linguístico, as possibilidades da combinação na língua-alvo, mas também segundo a escolha subjetiva com respeito ao estilo individual do autor. Nas crónicas traduzidas podemos ver vários casos destas palavras:

(p.3) Quem não estiver apto a *disputar* o pentatlo nos Jogos Olímpicos [...],

(p.16) Ten, kdo není schopný *zvládnout* pětiboj na Olympijských hrách [...].

A palavra *disputar* tem em checo dois significados possíveis: *hádat se* - brigar, ou *soupeřit* - competir. Do contexto da frase é fácil deduzir, que o significado de *soupeřit* é o significado correto, ou quer dizer, o significado que o autor tinha na mente. Porém, há casos nos quais o tradutor desatento e inexperiente pode errar:

---

<sup>11</sup>Vilela, Mário. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995, p.13.

<sup>12</sup>Knittlová, Dagmar. *K teorii a praxi překladau*. Olomouc: Univerzita Palackého, 2000, p. 85.

(p.7) [...] quando passarem para baixo do *Equador*, [...],

(p.20) [...] když jedou dolů od *rovníku*, [...].

Aqui o *Equador* pode ter dois sentidos: *rovník* - equador e *Ekvádor* – Equador (país). A maiúscula deveria ajudar determinar o que sentido é o correto e, por isso um tradutor poderia assumir que o autor tinha na mente o país do Equador. Contudo, é preciso de reparar no contexto, porque nesse parágrafo fala-se sobre o Brasil. Com os conhecimentos básicos da geografia o tradutor sabe que o país do Equador fica no oeste do Brasil, por isso devemos traduzir o Equador como *rovník*. Como outros exemplos das palavras polissémicas podemos indicar (p.4) o *cravo* que tem até três significados possíveis: o significado correto (p.17) *cembalo* – o instrumento musical e, dois mais: *karafiát* – o tipo de flor, ou *hřebík* – o prego. (p.11) *as letras* que tem dois significados: o correto (p.22) *kariéra spisovatele* – a carreira de escritor, ou o incorreto *písmena* – as letras de alfabeto.

### 5.1.2. Expressões sem equivalentes na língua-alvo

A estas expressões pertencem, por exemplo, nomes geográficos, nomes próprios ou termos novos nas línguas. Knittlová<sup>13</sup> declara que, habitualmente, é preciso de substituir estas expressões sem equivalente pelos estrangeirismos, adaptações para a língua-alvo, decalques ou analogias.

#### 5.1.2.1. Nomes geográficos

Entre nomes geográficos pertencem nomes dos países, cidades, ruas, mares, serras etc. Nomes de países, capitais ou cidades importantes muitas vezes não causam problemas. Segundo Straková em *Překlad a čeština*<sup>14</sup>, alguns nomes já são adaptados (Londres - Londýn, Alemanha - Německo), ou têm alguma modificação minimal (Berlim - Berlín, Lisboa - Lisabon). Porém, os nomes dos lugares desconhecidos, tal como nomes das ruas ou praças) podem originar dificuldades. Também propõe indicar até várias translações de um nome geográfico nos textos especializados. Contudo, isto não é o nosso caso. Nós temos textos jornalísticos – crónicas. Por isso nestes casos é preciso de aproveitar a sugestão de Knittlová e adaptar os nomes das ruas berlinenses para o ambiente checo - (p.17) *Storkwienkel* - (p.26) *Storkwienkelova*, ou usar dos estrangeirismos (usar uma palavra na forma original com nenhuma modificação): (p.3) *Bad Homburg* - (p.16) *Bad Homburg*. Além disso é necessário acrescentar a flexão dos casos gramaticais de nomes do checo, que não existe nem em português, nem em alemão:

<sup>13</sup> KNITTLOVÁ, Dagmar. *K teorii a praxi překlada*. Olomouc: Univerzita Palackého, 2000, p.84.

<sup>14</sup> KUFNEROVÁ, Zlata, et al. *Překládání a čeština*. Jinočany: H&H, 2003, p. 175.

(p.3) a *Bad Homburg* - (p.16) do *Bad Homburgu*,  
(p.17) do *Storkwienkel* - (p.16) na *Storkwienkelově*.

#### 5.1.2.2. Nomes próprios

Levý<sup>15</sup> anota que há uma variedade dos nomes próprios, que têm equivalentes nas línguas (João - Jan, José - Josef, Amélia - Amélie), mas além disso, há também nomes sem equivalentes (Isaurinda, Aquílio, Josabete). Se traduzíssemos os nomes próprios com equivalentes e os sem equivalentes deixamos na forma da língua-fonte, originaria uma mistura das duas línguas, que é inconveniente. No nosso caso, não temos nenhuns nomes próprios traduzíveis para o checo, mas é preciso de adaptá-los para o texto checo. O nome da menina *Chica* (p.3) adaptamos foneticamente, para que o leitor checo leia o nome da mesma maneira como se lê no texto original: *Čika* (p.16) O nome da atriz brasileira *Carmem Miranda* (p.7) modificamos de uma maneira similar: *Karmen Mirandová* (p.20) – adaptamos fonologicamente o nome próprio e acrescentamos a terminação feminina do apelido que é sempre usada nas línguas eslavas. O nome próprio do autor *Villa-Lobos* (p.7) deixamos na forma original (p.20), porque nenhuma modificação gramatical se exige na língua checa (a diferença dos apelidos femininos) e a adaptação fonética não faria uma diferença significativa.

#### **5.1.3. Terceira língua no texto traduzido**

O fenómeno que vamos discutir neste parágrafo é a problemática da terceira língua no texto, ou quer dizer, o uso da língua estrangeira além da língua-fonte no texto original. Esta problemática é bastante comum na teoria da tradução e os autores indicam que não há nenhuma regra geral que nos diria a solução correta. Como indica Hrdlička<sup>16</sup>, a terceira língua no texto pode ter várias funções, tal como indicar a atmosfera do ambiente estrangeiro, enfatizar a característica nacional ou social das personagens, aumentar a autenticidade da obra e também ter funções estilísticas. No início da tradução é preciso de tomar decisão se vamos traduzir a terceira língua ou não. Knittlová<sup>17</sup> diz que se essa língua funciona como o indicador da atmosfera, autenticidade ou se pertence entre cumprimentos e tratamento, é melhor deixar a expressão na forma original. Ao contrário, se o valor semântico não é claro do contexto, é preciso de traduzir a expressão (e indicar que a personagem está falando, por exemplo, em

---

<sup>15</sup> LEVÝ, Jiří. *Umění překladau*. Praha: Apostrof, 2012, p. 88.

<sup>16</sup> HRDLIČKA, Milan. *Literární překlad a komunikace*. Praha: ISV, 2003, p. 106.

<sup>17</sup> KNITTLOVÁ, Dagmar. *K teorii a praxi překladau*. Olomouc: Univerzita Palackého, 2000, p. 114-115.

turco, inglês etc., ou pelo menos traduzir a expressão em notas explicativas. Contudo, Hrdlička<sup>18</sup> aponta que a tradução ou a nota explicativa podem funcionar como um elemento perturbador para os leitores.

Podemos ver várias expressões deste tipo nos textos escolhidos de Ribeiro. (p.4) *Griiss Gott!*, (p.17) *guten Tag!* e (p.17) *Kriminalpolizei* pertencem ao primeiro grupo, ou seja, os cumprimentos e indicadores de carácter das personagens (dois polícias alemães) e por isso decidimos não os traduzir. O vocabulário específico de uma cultura pode ser classificado neste grupo também. Aqui pertencem, por exemplo, nomes das comidas e nomes de moeda. Quanto as moedas, Levý<sup>19</sup> constata, que é impossível de converter uma moeda numa outra, porque sempre é específica de um país ou região e a conversão para a moeda do país da língua-alvo (coroa checa) teria localizado o texto ao ambiente diferente. Por isso a única maneira como resolver a tradução da moeda estrangeira (aqui a alemã e a brasileira) para o checo é, outra vez, a modificação fonológica (p.12) *pfennige* - (p.23) *fenik* ou deixar o nome da moeda na forma original (p.12) *milreis* - (p.22) *milreis*. Ao contrário, decidimos traduzir a expressão (p.11) *noveau franc* - (p.22) *nový frank*, porque a palavra traduzida nos serviu melhor quando acrescentámos uma flexão nominal e, a expressão (p.11) *greenbacks* - (p.23) *dolarovky*, porque se trata de uma palavra coloquial inglês para designar os dólares e o leitor checo poderia ter dificuldades entender. Nas duas crónicas traduzidas encontramos também um nome da comida alemã: (p.5 e 17) *Bratwurst* que deixámos também na forma original dado que a maioria dos checos sabe que é um tipo de linguiça.

Quanto às frases no alemão, tais como (p.4) *Ich bin ein Berliner.*, (p.5) *mit Luftpost*, (p.6) *Das ist kein dah-dah-dah-dah! Das ist kein buh-buh-buh-buh! Das ist eine Tüte! Das ist eine Tüte! Das ist ein Tüüüüte, ja? Ja? Eine Tüüüüte!*, (p.6) *welches, welche, welchem*, (p.6) *kaputt, kaputt!* (p.6) *Eine Pfanne, bitte*, (p.12) *Das ist Geld! Das ist Geld!*, decidimos deixar os na forma original dado que sempre há o contexto bastante claro, ou o escritor explica de uma outra maneira indireta o significado. Por exemplo, antes de escrever (p.6) *Das ist kein dah-dah-dah-dah! Das ist kein buh-buh-buh-buh! Das ist eine Tüte! Das ist eine Tüte! Das ist ein Tüüüüte, ja? Ja? Eine Tüüüüte!* o autor disse que não tinha conhecido a palavra para designar uma „sacola“ e depois desta passagem do texto em alemão comenta, que jamais esqueça a palavra „Tüte“ e assim é claro que a palavra „Tüte“ significa uma „sacola“. Na tradução da crónica *Vida organizada* resolvemos criar este tipo da expressão na terceira língua

---

<sup>18</sup> HRDLIČKA, Milan. *Literární překlad a komunikace*. Praha: ISV, 2003, p. 107.

<sup>19</sup> LEVÝ, Jiří. *Umění překladu*. Praha: Apostrof, 2012, p. 114.



(compreensível do contexto) artificialmente. Referimo-nos à palavra (p.13) *amanhã*, que deixámos na língua-fonte - o português, dado que esta expressão junto com a interpretação errada feita pelos falantes não nativos do português são os elementos principais do enredo humoroso. Se traduzíssemos esta palavra para o checo, a palavra não sobressairia do resto do texto e é provável que o leitor checo não compreenda a situação divertida que é no fim da crónica.

Além das frases em alemão usadas para caracterizar o ambiente ou as pessoas, temos aqui expressões em francês, por exemplo, (p.11) *noblesse oblige*, (p.14) *Touché!* ou em inglês (p.14) *When in Rome do as Romans do*. São estas frases das quais podemos deduzir a erudição do autor e faz parte do seu estilo autoral e, também que provavelmente falaria várias línguas. No que concerne a tradução, a questão mais importante é, se o autor contasse com a possibilidade de que os leitores não entendam a estas expressões. Ambos os leitores lusófonos e checos ou conhecem a expressão ou precisam de pesquisar o significado dela.

#### **5.1.4. Notas explicativas**

Quanto às notas explicativas na tradução, enfrentamos o problema semelhante ao problema da tradução das expressões na terceira língua. Outra vez o autor mostra os seus conhecimentos muito extensos a outra vez é preciso de responder à pergunta se o leitor comum brasileiro entendesse as referências, por exemplo, socio-culturais (p.4) *DAAD*, (p.6) *ZDF* e (p.16) *Balé Bolshoi*, referências às obras literárias (p.3) *A montanha mágica*, (p.16) *Antígona*, se soubesse quem é e (p.7) a *Messalina* e (p.13) o *Duden a*, quanto é um (p.12) *pfennige* e onde fica (p.4) *Hallensee* ou (p.8) *Hochmeisterplatz*.. Provavelmente não. Quando o autor escrevia o livro, decidiu que todos os leitores vão ler as crónicas sem notas explicativas e nós decidimos respeitar a decisão dele.

## **5.2. Problemas ligados com a sistema gramatical**

Pelo facto que o português e o checo pertencem aos grupos diferentes das línguas (românica e eslava), têm os sistemas gramaticais diferentes e aproveitam fenómenos morfológicos e sintáticos distintos. São estes fenómenos que causam dificuldades durante o processo da tradução.

### **5.2.1. Tratamento**

O tratamento é uma forma nominal ou pronominal usada para designar o ouvinte numa frase interlocutória. Por meio do tratamento podemos expressar a relação que temos com a

pessoa com que falamos, ou quer dizer, se nos conhecemos bem ou não: se a nossa relação é amigável ou íntima, usamos o tuteamento e, se tratamos de uma pessoa desconhecida ou respeitada, usamos o voceamento. Na língua checa é definido bastante bem: para designar o tuteamento usamos o pronome *ty* e a segunda pessoa singular dos verbos e para designar o voceamento, usamos o pronome *vy* e a segunda pessoa do plural dos verbos. Porém, na língua portuguesa não é sempre claro, porque os pronomes *você* e *vocês* e a terceira pessoa do singular ou do plural dos verbos podem indicar tanto o tuteamento como o voceamento. Para que seja mais claro para os locutores, para indicar o voceamento os falantes do português usam o pronome *o senhor* (*os senhores, a senhora, as senhoras*) em vez de *você* (*vocês*). No Brasil, usa-se apenas de pronomes *você* e *vocês* para indicar o tuteamento e de pronomes *o senhor, os senhores, a senhora* ou *as senhoras* para indicar o voceamento. Por isso, quando traduzimos um texto português, é preciso de saber se tratamos de texto do português europeu, ou de português brasileiro. No nosso caso, tratamos da forma brasileira. Se não temos certeza sobre a origem do texto, podemos aproveitar do contexto linguístico, como Levý<sup>20</sup> propõe. Esta problemática é mais visível na crónica *Vida organizada*, onde o autor fala com a sua esposa (com quem tem uma relação íntima) e por isso traduzimos todo o diálogo na forma de tuteamento checo: (p.14) *Você está maluco?* (p.25) *Ty ses pomát!*

### 5.2.2. Formas nominais dos verbos

O português é uma das línguas que aproveita muito de “formas nominais dos verbos, ou seja, o infinitivo, o gerúndio e o particípio que caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.”<sup>21</sup> Estes verbos nominais aparecem nas orações subordinadas reduzidas, “isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa”<sup>22</sup>. Têm um equivalente no checo, “přechodník”, que já está considerado arcaico na língua e por isso não é apropriado para a tradução dos textos da literatura contemporânea, tal como as crónicas de João Ubaldo Ribeiro, portanto, na tradução para o checo, é preciso de converter estas orações reduzidas em frases subordinadas, que se usam comumente no checo. Para que possamos fazer isso e, seguidamente fazer uma tradução correta, devemos primeiro determinar o tipo da oração reduzida do seu significado semântico. Há vários tipos das orações

---

<sup>20</sup> LEVÝ, Jiří. *Umění překladau*. Praha: Apostrof, 2012, p. 172.

<sup>21</sup> CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Breve gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1993, p.341.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 408.

reduzidas do infinitivo (substantival de sujeito, substantival do complemento nominal, adjetival, adverbial causal, adverbial concessiva, etc.), do gerúndio (adjetival, adverbial temporal, adverbial condicional, etc.) e do particípio (adjetival, adverbial temporal, adverbial concessiva, etc.) e, porque estas formas dos verbos não são capazes de exprimir ambos o tempo e o modo e não têm nenhuma conjugação, a classificação pode ficar bastante difícil. O que nos ajuda são os contextos extralinguístico e linguístico da oração reduzida. Nas crónicas traduzidas há, na verdade, uma quantidade grande destas orações e podemos mostrar nos exemplos delas a classificação e a tradução que fizemos:

(p.5) [...] damas de bolsa na mão *fingindo* que vão ali apenas para retocar a maquilhagem [...],  
> [...] damas de bolsa na mão *que fingem* que vão ali apenas para [...].

Convertemos a oração reduzida do gerúndio adjetival para uma frase subordinada adjetival de adjunto adnominal e depois fazemos a tradução dessa frase para o checo:

(p.16) [...] dámy s kabelkou v ruce, *keré předstírají*, že se tam jdou jenom přepudrovat [...].

Ou um outro exemplo:

(p.5) [...] ao *levantarmos* os olhos, nos achamos [...],  
> [...] *quando levantamos* os olhos, nos achamos [...].

Neste exemplo convertemos a oração reduzida do infinitivo para uma frase subordinada adverbial temporal e fazemos a tradução seguinte:

(p.16) [...] a *když zvedneme* oči [...].

Na prática, o tradutor com a nível alta da língua portuguesa não precisa de fazer esta conversão e entende o significado da oração reduzida do contexto da frase, mas se tiver dúvidas, esta técnica sempre ajuda.

### 5.2.3. Flexão nominal do grau aumentativo e diminutivo sintético

Como Cunha<sup>23</sup> descreve, os nomes portugueses apresentam-se com o grau normal e com o grau intensificado. Podemos criar o grau intensificado de duas maneiras – analiticamente (chapéu grande, boca enorme), ou sinteticamente (chapeuzinho, bocarra). Português geralmente aproveita mais da maneira sintética e, ao contrário, checo aproveita mais da maneira analítica. Esta diferença pode causar dificuldades durante o processo da tradução e, frequentemente chegamos à situação, quando o checo não tem nenhum equivalente nominal para o português (e se tem, a miúdo tratamos da língua coloquial). Além da função aumentativa e diminutiva, a

---

<sup>23</sup>CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Breve gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1993, p. 151.

flexão às vezes acrescenta também o valor pejorativo ou afetivo em ambas as línguas. Nas crônicas traduzidas há vários casos desta problemática, por exemplo: (p.3) *gordinha*, (p.5) *risadinhas e risadonas*, (p.6) *livrinho de alemão*. Maneiras como podemos resolver esta situação são procurar um equivalente no léxico checo, converter o grau sintético português para o grau analítico checo, ou simplesmente deixar a palavra no grau normal e assim perder o significado aumentativo ou diminutivo que a palavra tem em português. No caso de (p.3) *gordinha*, decidimos usar o grau analítico (p.16) *silnější paní*, depois no caso de (p.5) *risadinhas e risadonas* (a primeira palavra diminutiva e a segunda aumentativa) procurámos os equivalentes no vocabulário checo (p.18) *chichtání a řehot* e, no caso do (p.5) *livrinho de alemão*, deixamos a palavra no grau normal, porque o significado diminutivo não tem um relevância grande neste contexto.

## 6. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi a tradução comentada de seis crônicas que foram publicadas no livro *Um Brasileiro em Berlim* (1995) de João Ubaldo Ribeiro. Dividimos o trabalho em três partes principais.

Na primeira seção - seção teórica, apresentámos a biografia breve e a obra completa do autor com as descrições concisas dos livros mais significantes. Depois, fizemos a análise literária na base da leitura dos textos. Nesta análise salientámos os acontecimentos que redundaram na publicação do livro na Alemanha e depois no Brasil, mostrámos alguns comentários do próprio autor que fez durante uma entrevista para o emissora alemã *Deutsche Welle*, caracterizámos geralmente o género da crónica, descrevemos o estilo literário do texto e, finalmente, mencionemos o contexto histórico e dividimos as crônicas traduzidas segundo temas ligadas com a problemática da migração e o intercâmbio cultural, tais como a adaptação pela cultura desconhecida ou o uso da língua estrangeira.

A segunda seção focalizou na própria tradução da língua portuguesa para a língua checa das crônicas *Chegada*, *O Tartamudo do Kurfürstendamm*, *Sexy Brasil*, *Sexy Berlim*, *Educação financeira*, *Vida organizada* e *O crime do Storkwienkel* que elaborámos com ajuda dos vários dicionários. Cremos que a nossa tradução tenha mantido as características e o enredo divertido do texto original.

A última, terceira seção do nosso trabalho, enfocou o comentário dos problemas que não acrescentaram durante a leitura dos textos originais, mas surgiram durante o processo da tradução. Nós oferecemos as resoluções possíveis desses problemas, na base da literatura especializada na teoria da tradução ou na linguística portuguesa. Depois aplicámos estas soluções na tradução que fizemos. Esta seção é dividida em dois subgrupos. No primeiro analisámos os problemas ligados com o léxico, por exemplo, o vocabulário sem equivalente no checo ou a terceira língua no texto original. No segundo subgrupo tratámo-nos dos problemas ligados com os sistemas gramaticais diferentes, por exemplo, o tratamento ou as formas nominais dos verbos portugueses.

Acreditamos que também temos conseguido o objetivo de acercar tanto o autor brasileiro e a sua obra, como descrever os temas ligados com o contato das duas culturas completamente diferentes, que surgem nas crônicas selecionadas. A nossa tradução limitada pode servir também para as finalidades académicas, como uma base da tradução feita pelo tradutor mais experiente que decidiria especializar-se nos textos do autor brasileiro João Ubaldo Ribeiro.

## Resumo em checo

Tato bakalářská práce se zaměřuje komentovaný překlad z portugalštiny do češtiny fejetonů vybraných z knihy *Um Brasileiro em Berlim* (1995) od brazilského autora João Ubalda Ribeiry. Práce je rozdělena na tři části. První je část teoretická, ve které se zaměřujeme na život a dílo autora, představení knihy a popsání literárního stylu fejetonu. Dále se zaměřujeme na samotnou knihu *Um Brasileiro em Berlim*, okolnosti jejího vzniku, její tematický rozbor a historický kontext. Další kapitolou je samotný překlad vybraných fejetonů do češtiny. Poslední částí je komentář překladu, kde se zaměřujeme na konkrétní problémy, které vznikaly v průběhu překládání, a které se týkají jak slovní zásoby, tak rozdílných gramatických systémů obou jazyků.

## **Resumo em inglês**

This thesis focuses on commented translation from Portuguese to Czech of short stories selected from a book *Um Brasileiro em Berlim* (1995) by a Brazilian author João Ubaldo Ribeiro. The thesis is divided in three parts. The first one is the theoretical one, focused on the life and literary work of the author, the description of the book and the literary genre of short story. Subsequently, it focuses on the book and circumstances of its formation, the division of the themes mentioned and the historical context. The second part is the translation of the short stories to Czech. The last part is the commentary of the translation where we focus on the concrete problems, with which we had to deal with during the process of translation and which concern the different vocabularies and grammatical systems of both languages.

## Bibliografia

### Livros

- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Breve gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1993.
- HRDLIČKA, Milan. *Literární překlad a komunikace*. Praha: ISV, 2003.
- KLÍMA, Jan. *Stručné dějiny-Brazílie*. Praha: Nakladatelství Libri, 2003, p. 124-126.
- KNITTLOVÁ, Dagmar. *K teorii a praxi překladu*. Olomouc: Univerzita Palackého, 2000.
- KUFNEROVÁ, Zlata, et al. *Překládání a čeština*. Jinočany: H&H, 2003.
- LEVÝ, Jiří. *Umění překladu*. Praha: Apostrof, 2012.
- “O autor e a sua obra”, in RIBEIRO, João Ubaldo. *Livro de Histórias*, São Paulo: Círculo do Livro. 1981.
- PICCHIOVÁ, Luciana Stegagno. *Dějiny brazilské literatury*. Praha: Torst. 2007.
- RIBEIRO, Ubaldo João. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- VILELA, Mário. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

### Websites

- “Biografia de João Ubaldo Ribeiro”, disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro/biografia> (acesso em 9 de março de 2019).
- “Descrição de Um Brasileiro em Berlim“. Livraria Saraiva. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/um-brasileiro-em-berlim-3528472.html> (acesso em 18 de abril de 2019).
- “João Ubaldo Ribeiro ganha o Prêmio Camões 2008”, O Globo, 9.1.2012, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/joao-ubaldo-ribeiro-ganha-premio-camoes-2008-3608286> (acesso em 9 de março de 2019).
- FREY, Luísa. “João Ubaldo Ribeiro: Sinto um vínculo cultural com a Alemanha“. DW, 13.10.2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/jo%C3%A3o-ubaldo-ribeiro-sinto-um-v%C3%ADnculo-cultural-com-a-alemanha/a-17155214> (acesso em 18 de abril de 2019).

### Dicionários

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, et al. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.



HAMPLOVÁ, Sylva e JINDROVÁ, Jaroslava. *Česko-portugalský slovník*. Voznice: Leda, 1997.

JINDROVÁ, Jaroslava e PASIENKA, Antonín. *Portugalsko-český slovník*. Voznice: Leda, 2005.

*Nový akademický slovník cizích slov*. Praha: Academia, 2005.

*Pravidla českého pravopisu*. Praha: Academia, 2017.

## Anexo

### Chegada

Quem não estiver apto a disputar o pentatlo nos Jogos Olímpicos não deve viajar do Rio de Janeiro a Berlim no que as companhias aéreas chamam de “classe econômica”, embora saibam que se trata de um eufemismo para “vagão de búfalos” (exceção feita à comida, já que a dos búfalos é certamente melhor). Foi o que pensei, ao levantar-me, um pouco antes da hora do pouso, para batalhar com os outros búfalos por um lugar na fila do banheiro. Qualquer um que tenha participado de um evento desse tipo o trará sempre na memória — aquela coleção tocante de velhotas ansiosas, jovens senhores de tornozelos entrelaçados e olhos cravados no teto, damas de bolsa na mão fingindo que vão ali apenas para retocar a maquilagem, um cavalheiro de ar severo que mira seus antecessores na fila com evidente rancor, a indignação geral contra a gordinha que acaba de entrar e fechar a porta levando consigo um exemplar de *A montanha mágica*, um menino de nariz escorrendo explicando à mãe que não se responsabiliza pelo que pode acontecer, se não lhe conseguirem uma vaga imediatamente.

Pentatlo não, decatlo, penso outra vez, ao descermos em Frankfurt, submergindo em sacolas e maletas, e descobrirmos que nossa conexão para Berlim deve ser feita em A-23, logo à direita de A-42, atrás de B-28, passando pelo controle de passaportes ou, se preferirmos algo mais simples, só três quilômetros mais distante, à esquerda de A-17, ignorando o corredor B e indo direto ao objetivo, não sem antes nos submetermos à inspeção de bagagem em A-15E. Tentamos ambas as hipóteses. No curso de umas duas horas, entramos numa fila de passageiros para Bangladesh, saímos no último instante para uma fila de turistas italianos interessados em visitar as vitrines de mulheres de Hamburgo, assinamos uma petição a favor da independência da Lituânia achando que estávamos nos inscrevendo na lista de passageiros para Berlim, quase nos incorporamos a um grupo japonês que ia conhecer a Bolsa de Frankfurt e, finalmente, escorregamos sem querer de uma esteira rolante que nos conduziria a Bad Homburg sem escalas e, ao levantarmos os olhos, nos achamos — milagre! — diante de A-23. Minha filha Chica, de seis anos, exausta mas aliviada como todos nós, fez um comentário.

— A Alemanha é maior do que o Brasil, hem, pai?

— Não. O Brasil é muito maior.

— Pode ser, mas o aeroporto aqui de Fanfu é maior do que o Brasil, não é, não?

— Ah, isso é, cabem uns cinco Brasís aqui dentro — concordei, despencando numa cadeira, olhando em torno e me dando conta pela primeira vez de que estava mesmo na Alemanha e, se tudo corresse como previsto, ainda estaria por muito tempo.

Por que a Alemanha? Sim, há várias explicações, digamos, superficiais ou parciais: fui convidado pelo DAAD,[1] vivo de escrever e, portanto, posso trabalhar em qualquer lugar, tenho amigos aqui etc. etc. Mas isto não satisfaz, porque sei, embora não possa explicar, que existe algo mais entre este país e eu, algo misterioso. Fico imaginando se não teria sido alemão numa vida pregressa. Se Shirley McLaine teve tantas vidas pregressas, por que não posso haver tido pelo menos uma? Olho para o senhor sisudo a meu lado, com uma peninha faceira adornando seu chapéu, em amável contraste com sua expressão austera. Sim, talvez eu tenha sido alguma vez um bávaro, um gordinho chamado Johannes, famoso em toda Munique pela capacidade de consumir cerveja em quantidades industriais — um bávaro como outro qualquer, pensando bem. Quase viro para esse meu conterrâneo e lhe dirijo um sorridente “*Grüßs Gott!*”. Mas me contenho. Posso ter sido bávaro em outra vida, mas, infelizmente, para a presente encarnação brasileira, não trouxe comigo meus conhecimentos da língua alemã, que hoje falo com menor desenvoltura do que falaria um homem de Neandertal.

O devaneio, contudo, não passa. Esta minha ligação com a Alemanha, eu sempre voltando aqui, meus livros lidos aqui, tantos amigos aqui, sentindo-me tão bem aqui... Claro, meu sobrenome pode ser traduzido como Bach. Claro, claro, minha outra encarnação foi na qualidade de parente do Johann Sebastian, limpando o cravo que meu primo tão bem temperava e fazendo outros servicinhos em Brandemburgo, inclusive os que meu talento musical permitia, tais como acionar os foles do órgão da igreja. É, pode ser, pode ser.

O embarque é anunciado, entro no avião distraído, ainda preocupado com minha elusiva identidade alemã. E me encontrava no século XVIII, num baile em Magdenburg, em vistoso uniforme militar e de olho na bela filha do *Bürgermeister*, quando Chica me interrompeu as reminiscências com uma cotovelada.

— Pai, pai, Berlim! Berlim!

Sim, Berlim! Levantei-me, arrepanhei sacolas e maletas, encaminhei-me de peito erguido para a saída. Berlim, vida nova, a História desenrolando alguns de seus mais empolgantes capítulos à minha frente, glórias e emoções logo ali, a esperar-me de braços abertos.

*Hélas!* — como exclamou Napoleão, no dia em que, em certo prado de Waterloo, tive oportunidade de vê-lo, na minha então condição de alferes de um regimento prussiano. As coisas nem sempre são previsíveis, seja para os Bonaparte, seja para os Bach. E eis que, hoje aqui, pleno residente de Berlim, não disponho de glórias para contar-vos, mas de histórias quiçá melancólicas, tais como a do Tartamudo do Kurfürstendamm, a do Fantasma do Storkwinkel e a do Moscão da Schwarzbacher Straße. Histórias que contaria agora, se me permitisse o espaço, mas que contarei depois, se vos permitir a paciência. *Ich bin ein Berliner*, como já se disse antes.

## O Tartamudo do Kurfürstendamm

Acredito já ser bem conhecido por estes arredores do Kurfürstendamm (a iás, Ku'damm, que é como nós, berlinenses, tratamos de nossa avenida mais famosa), perto de onde eu moro. Gostaria de dizer que essa notoriedade se deve à camaradagem que estabeleci com vizinhos, funcionários de lojas e supermercados, carteiros, policiais, lixeiros, atendentes de quiosques e outros que por aqui militam. Não me desagradaria tampouco explicar que sou assim tão conhecido devido a meus dotes físicos, que impressionariam moças e senhoras de todas as condições sociais. Também ficaria satisfeito, se pudesse atribuir os olhares de reconhecimento ao orgulho que teriam todos, ao saber que tão renomado escritor reside nas vizinhanças. Enfim, posso pensar talvez numa dezena de razões que me contentariam.

Mas, ai de mim, não é nada disso. Sim, porque — já é tempo de que vocês saibam a verdade — eu sou o Tartamudo do Ku'damm. Sim, sou eu mesmo, talvez vocês já tenham ouvido falar em mim. Sou aquele que acaba de parar na esquina da Westfälische Straße com um ar aflito maldisfarçado por um sorriso amarelo, olha para um lado, olha para o outro, faz que vai mas não vai, saca um dicionáriozinho do bolso que estuda tremulamente e, afinal, num acesso súbito de fraqueza, põe a mão na testa e senta-se num banquinho da Henriettenplatz.

É o Tartamudo reunindo coragem para enfrentar outra de suas aventuras arrepiantes. Ousará, mais uma vez, entrar na papelaria e tentar perguntar se eles têm etiquetas “*mit Luftpost*”? Não pode esquecer-se do primeiro dia em que tentou e, depois de tantos ensaios, apenas lograva, entre gaguejadas sísmicas, dizer “*flugpostiketten*”, ao que a não tão gentil senhora do balcão lhe dirigiu palavras que, apesar de para ele serem ininteligíveis, pareciam uma clara alusão à sua dele senhora mãe, que, coitada, não é responsável por ele ainda não ter, em que pesem seus esforços, conquistado a bela, porém notoriamente esquiva, língua alemã.

Sim, não se esquece disso, nem de outros episódios igualmente acabrunhantes. O dia em que, com grande coragem, pediu uma *Bratwurst* num quiosque da acima mencionada Henriettenplatz e, ao responder “*ja*” a uma pergunta que não entendeu direito, ouviu presumíveis menções à sua parca inteligência, seguidas de risadinhas e risadonas dos outros clientes do estabelecimento. O dia em que, também depois de ensaios estrênuos, reuniu forças para entrar num ônibus sozinho e recitar o nome do bilhete que havia laboriosamente decorado, somente para cometer o fatal engano de, em vez de depositar as moedas na bandejinha apropriada, tentar entregá-las diretamente ao motorista — e de novo menções óbvias à sua debilidade mental, e de novo risadinhas dos circunstantes. O dia em que, não conhecendo (e não a tendo achado no dicionáriozinho) a palavra para designar “*sacola*”,

limitou-se a apontá-la para a caixa do supermercado, a qual ficou imensamente transtornada e começou a discursar, em volume audível de Hallensee a Wannsee:

— *Das ist kein dah-dah-dah-dah! Das ist kein buh-buh-buh-buh! Das is eine Tüte! Das ist eine Tüte! Das ist ein Tüüüüte, ja? Ja? Eine Tüüüüte!*

É, mas o Tartamudo pelo menos se consola em saber que essa experiência fez com que ele jamais esqueça a importante palavra “*Tüte*”, agora indelevelmente gravada em sua memória. O suor frio já não lhe escorre tão profusamente da testa, em seu obscuro banquinho da Henriettenplatz. Sim, tudo isso é muito natural, não será isso que o desencorajará, um dia ele finalmente aprenderá a diferença entre *welches*, *welche* e *welchem*, um dia saberá pôr um verbo aqui e outro a duas milhas de distância, para isso vem estudando com afinco. Sim, irá à papelaria, pedirá as etiquetas, depois irá à loja de panelas, como lhe pediu sua mulher, para comprar a frigideira nova de que a casa precisa.

Em frente! — decide-se, com ânimo renovado, e se levanta altaneiro do banco da Henriettenplatz. Mas, mas... Mas que é isto que lhe renova a palidez da fronte e lhe traz de volta suores frios e o faz outra vez cambaleiar, apalpando nervosamente o dicionário? Sim, panela lembra fogão e fogão lembra o homem do fogão. O homem do fogão, que veio consertar, faz alguns dias, o forno quebrado. Que medo lhe traz a lembrança do homem do fogão, que se recusou a falar devagar e, quanto mais lhe pediam desculpas por não saberem alemão direito, mais berrava “*kaputt, kaputt!*” e saiu sem consertar forno nenhum, parecendo que ia sacar uma metralhadora da maleta de ferramentas, caso insistissem.

Não, não, o homem do fogão podia ter algum parente na loja de panelas. O Tartamudo não ousou arriscar-se outra vez. Melhor voltar para casa, estudar mais um pouco, quem sabe amanhã decoraria bem “*mit Luftpost*” e “*eine Pfanne, bitte*”? Voltou para casa, pegou o livrinho de alemão para estudar e foi interrompido pelo telefonema de um amigo, a quem se queixou de que Berlim não era mais a mesma, parecia que agora tinha raiva de estrangeiros.

— Que nada — disse ele, que é berlinense de nascença. — É raiva de alemão mesmo. Alemão do outro lado.

— Como, raiva de alemão? E eu por acaso pareço alemão?

— Não, mas pode parecer polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa. Você vai ter que se acostumar com isso, são novos tempos.

O Tartamudo do Ku'damm desligou o telefone com um sorriso maquiavélico nos lábios. Ah, então era assim, não era? Muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo.

— Mulher — disse ele, entrando na sala onde ela assistia (sem entender nada, mas com dedicação) a um programa da ZDF. — Resolvi assumir. Não é isso o que eles querem? Amanhã mesmo, compro um Trabant e vou à luta.

## *Sexy Brasil, Sexy Berlin*

**Bem sei eu da imagem** do Brasil. Falar em Brasil é evocar índios, a Amazônia e ditadores militares cobertos de medalhas do tamanho de panquecas, gritando ordens a pelotões de fuzilamento em espanhol de acentos bárbaros, nos intervalos de telefonemas nervosos para bancos suíços. O fato de um brasileiro, como eu, confessar que nunca esteve no Amazonas (viagemzinha de umas seis horas a jato, ou mais, a partir do Rio de Janeiro), que só viu dois índios em toda a vida (um dos quais deputado federal, de terno e gravata) e que fala espanhol mal, eis que sua língua nativa é o português, deixa as pessoas dos outros países muito desapontadas, achando que estão lidando com um impostor, ou com um mentiroso cínico.

Também conheço a outra imagem do Brasil, a que está na cabeça dos que sonham ir um dia conquistar os trópicos, esbaldar-se sob um sol interminável, tomar drinques iguais aos arranjos de cabeça de Carmem Miranda (que, por sinal, não era brasileira de nascença), amanhecer dançando lambada já no quarto do hotel e adormecer entre mulatas estonteantes, cujos padrões de conduta fariam Messalina parecer uma irmã de caridade. Esses não perdem documentários sobre o Carnaval e as praias, salivam diante de cartazes turísticos mostrando mulheres em biquínis microscópicos e acham que, quando passarem para baixo do Equador, tudo mais virá abaixo também, inclusive calças, sutiãs, saias e o que mais constituir obstáculo para se assumir o estilo de vida do Brasil, país de costumes libertinos, ao qual não se devem levar vovós alemãs e outras senhoras respeitáveis.

A primeira imagem é mais fácil para a gente. Uma vez, durante um jantar no Arizona, quando eu era estudante nos Estados Unidos, experimentei grunhir um pouco, enquanto comia com a cara quase encostada no prato — e fiz grande sucesso. É claro que então eu só tinha vinte anos e, nessa idade, fazem-se coisas que depois dos quarenta não se fazem, mas ainda é possível satisfazer as expectativas dos amigos do Primeiro Mundo. Basta um certo ar primitivo, uma risada levemente inquietante e ar de pasmo diante de novidades tecnológicas, tais como fogões elétricos, geladeiras, ou mesmo isqueiros — quase tudo que não seja de madeira ou couro serve. Villa-Lobos, o grande compositor brasileiro (ou colombiano, ou venezuelano, ou boliviano, é tudo a mesma coisa), se divertia na Europa contando como se comia gente no Brasil e eu mesmo, que já andei escrevendo umas cenas de canibalismo, creio haver, certa feita em Nuremberg, percebido nervosismo numa companheira de mesa, cada vez em que eu olhava para o braço dela e pegava o *ketchup* (mas resisti e não dei uma dentadinha nela).

Já a segunda imagem é bem mais difícil de enfrentar. Não dar festinhas com todo mundo

nu, notadamente aqui em plagas nórdicas, é visto com compreensão, por causa do frio. Mas resto não. Lembro uma amiga nossa que nos visitou em outra ocasião, também aqui na Europa. Quando ia pela primeira vez a um restaurante com um admirador europeu, tinha que ficar repetindo “pelo menos vamos acabar de jantar, acabe o jantar, não, aqui não!”, pois eles achavam que a masculinidade de seus respectivos países seria posta em dúvida, caso não iniciassem os trabalhos logo depois da chegada do primeiro martíni, afinal estava ali uma brasileira típica.

Com dois filhos pequenos e uma certa reputação a manter, temos sido tropicais cautelosos, aqui em Berlim. Mas está ficando difícil, notadamente diante do famoso *Sexy Berlin* e dos graves acontecimentos na Hochmeisterplatz. Não sei bem o que é *Sexy Berlin*, mas outro dia pegamos nosso filho Bento assistindo a *Sexy Berlin* na tevê com um interesse que, para seus oito anos, talvez seja um pouco prematuro, já que *Sexy Berlin* se resume à apresentação de — como direi? — senhoras em situações íntimas. Bento quis saber se é assim que as senhoras aparecem à noite, aqui em Berlim, asseguramos-lhe que não, nada disso, era um episódio isolado, nada disso. Mas ele continua a ser um espectador assíduo, toda vez que não estamos vigilantes.

Reagindo contra a impressão errônea que isto pode dar a ele, sobre o país amigo que ora nos hospeda, atacamos de ecologia. Não, não, ele vai passar o tempo livre num parque aqui perto, com outros meninos. E assim descobrimos a boa Hochmeisterplatz, onde nossa esperança era cansá-lo o suficiente para que ele não tivesse forças para sair da cama tarde da noite e ir ver *Sexy Berlin*.

Ai de nós, não deu certo, porque, no primeiro dia quente que fez aqui, ele, que gosta mais de comer do que de qualquer outra coisa (ou gostava, já não sei bem), veio almoçar a pulso, perguntando a que horas ia voltar para a praça. Estranhei o interesse e ele acabou me confessando, com os olhos ainda mais arregalados do que durante o *Sexy Berlin*: “Pai, estava todo mundo nu, lá na Hochmeisterplatz! E também tinha duas moças se beijando na boca!”

Bem, explicações, explicações, aqui ficar nu na rua não é como no Brasil, aqui é normal, lá é que é indecente, o pessoal aqui só quer tomar um solzinho e trocar uns beijinhos amistosos na frente dos outros. Mas receio que não adiantou muito, embora, de tudo isso, possamos retirar o velho truísmo de que a vida é cheia de ironias. Pois Bento, conversando comigo ontem, de homem para homem, me confessou que quer virar alemão. Aqui é muito melhor, aqui o negócio é quente, não tem uma porção de melindres e fricotes, como no Brasil.

— Só uma coisa — concluiu ele, pensativo. — Não vou mais convidar vovó para visitar a gente. Aqui ela não ia poder nem ir ao parque, nem assistir à tevê, que ela não está acostumada com essa safadeza da Alemanha, não é?

## Educação financeira

Duas razões me fazem incompetente em matéria de dinheiro. A primeira vem da profissão, pois a opulência não costuma acompanhar as letras. Lembro um outro escritor, respondendo sobre se livro dá dinheiro. “Dá, sim”, disse ele. “Contanto que não se seja o escritor.” E, de fato, tenho na memória viagens com editores e escritores, aqueles na primeira classe, estes na econômica. Volta e meia, um editor aparecia para ver os escritores. Que inveja da nossa criatividade, da glória, da liberdade do artista — ah, se pudesse estar ali conosco, em vez de aguentar os chatos lá da frente, mas, sabe como é, *noblesse oblige*, que é que se pode fazer? E voltava entristecido para sua poltrona palacial, seu champanhe e seus *menus* premiados, deixando-nos com nossa glória, nossa cerveja morna, nossos sanduíches ressequidos e nossas aeromoças tão doces de trato quanto um sargento dos Fuzileiros Navais.

A segunda razão é a minha condição de brasileiro. No Brasil, não há dinheiro. Há papéis coloridos e moedinhas talvez feitas de restos de painéis velhas. E isso vem de longe. Nasci quando o mil-réis foi substituído pelo cruzeiro. Cada mil-réis valia um cruzeiro. Mais tarde, inspirado pelo *nouveau franc*, o governo criou o cruzeiro novo, que valia mil vezes mais do que o velho. Anos depois, veio o cruzado, que valia mil vezes mais do que o cruzeiro novo e durou alguns meses. Quando se constatou que, para comprar um maço de cigarros com cruzados, o brasileiro tinha de carregar uma mala de dinheiro, criou-se o cruzado novo. Este tampouco resistiu e, agora, numa operação em que as economias de todos foram confiscadas, voltamos ao cruzeiro.

Como, com todas essas reviravoltas, não havia condições de imprimir notas novas em quantidade suficiente, decidiu-se carimbar os valores novos nas notas velhas, e os brasileiros passaram a conviver com papéis coloridos cujos carimbos desmentiam o que vinha impresso. Alguns anormais, entre os quais não me incluo, sabem o valor dessas notas, mas a maioria não entende mais nada e é frequente a ocorrência de discussões surrealistas, em bares, quitandas e onde quer que se comprem pequenas coisas (para as grandes coisas não se usa mais dinheiro, usa-se um sistema de compreensão acessível somente a PhDs em Economia, que consiste basicamente em siglas abstrusas, ou então dólares, nossa verdadeira moeda). O comprador de uma penca de bananas se envolve em cálculos mirabolantes, para saber se os dez mil que lhe cobram são novos ou velhos, quantas vírgulas deve botar para lá ou para cá e o que querem dizer aquelas rodinhas de alumínio, onde está escrito “cruzados”, mas leia-se “cruzeiros”, os quais devem ser convertidos a “centavos”, que não valem nada, mas fazem parte da complexa transação. Quando eu ainda estava no Rio, os jornais noticiaram o caso de uma americana que, trocando dólares num hotel, teve uma crise de riso histórico, ao ver sacolas de matéria-prima de confete e aquelas moedinhas de peso inferior a isopor substituírem seus *greenbacks*.



Compreendo isso, pois os brasileiros também têm crises em situações semelhantes, só que não de riso.

Nossa situação alemã é, por conseguinte, delicada. Não me refiro à ofensa inflingida sobre um amigo meu daqui de Berlim, que não compreendeu nossa hilaridade, quando manifestou preocupação sobre a possibilidade de a inflação aqui ir a mais de três por cento ao ano, quando a nossa era também de três por cento, só que ao dia. (Depois ele compreendeu e, comiserado, me ofereceu um uísque duplo.) Refiro-me à educação financeira da família. Nenhum brasileiro se abaixa para pegar uma moeda caída no chão. Meus filhos, por exemplo, só usam moedas brasileiras para escorar portas, fazer chocalhos, entupir pias e atirá-las uns nos outros. Mas agora estamos na Alemanha e aqui, embora os alemães se queixem (ha-ha-ha-ha!), dinheiro aqui é dinheiro e a família não pode sobreviver, se continuarmos a ter moedas espalhadas pela casa de forma tão promíscua que, outro dia, fomos esvaziar o saco de aspirador e encontramos quantia suficiente para comprar um Trabant de segunda mão.

A inevitável campanha educativa que encetamos foi, no começo, bem difícil. Berrar “*das ist Geld, das ist Geld!*” provou-se inútil, porque, mesmo traduzido, dinheiro no Brasil não quer dizer nada. Chegamos a fazer vários seminários domésticos para incutir respeito por um *pfennig*, mas não adiantou. Até que, Deus seja louvado, a famosa inventividade brasileira acabou por triunfar. Resolvemos dar um nome a cada moeda. Esta aqui é Frau Wein, a professora de meu filho Bento, na Hallensee Grundschule. Frau Wein é tão boazinha, você vai querer que ela fique rolando por aí? Esta aqui é o Marc, seu amigo na escola, você vai jogar o Marc pela janela? Esta aqui é nossa amiga Ute, você vai querer mesmo enfiar Ute no sabonete?

Tem dado certo, se bem que fica difícil lembrar o nome de cada moeda, embora os meninos lembrem. E é difícil também porque, outro dia, quando a caixa aqui do supermercado da esquina quis facilitar o troco, me pedindo uma moeda de cinquenta *pfennige*, eu sem notar tirei Frau Wein do bolso e Bento protestou: “Frau Wein, não, ela é nossa!” Concordei, guardei Frau Wein escrupulosamente e a pus de volta aqui na pilha de moedas de meu estúdio, junto com a Ute, o Marc, a Michi, a Ray, o Dietz, o Bernt e tantos outros amigos alemães. Receio, contudo, que isto vá causar uma certa retração no consumo, aqui na Alemanha, já que, à medida que vamos dando nomes às moedas, torna-se mais difícil gastá-las, não se pode dispor de uma pessoa estimada de maneira tão leviana. Mas ao mesmo tempo, não estaremos contribuindo para a cultura econômica? São perguntas.

## Vida organizada

As traduções são muito mais complexas do que se imagina. Não me refiro a locuções, expressões idiomáticas, palavras de gíria, flexões verbais, declinações e coisas assim. Isto dá para ser resolvido de uma maneira ou de outra, se bem que, muitas vezes, à custa de intenso sofrimento por parte do tradutor. Refiro-me à impossibilidade de encontrar equivalências entre palavras aparentemente sinônimas, unívocas e univalentes. Por exemplo, um alemão que saiba português responderá sem hesitação que a palavra portuguesa “amanhã” quer dizer “*morgen*”. Mas coitado do alemão que vá para o Brasil acreditando que, quando um brasileiro diz “*amanhã*”, está realmente querendo dizer “*morgen*”. Raramente está. “Amanhã” é uma palavra riquíssima e tenho certeza de que, se o Grande Duden fosse brasileiro, pelo menos um volume teria de ser dedicado a ela e outras, que partilham da mesma condição.

“Amanhã” significa, entre outras coisas, “nunca”, “talvez”, “vou pensar”, “vou desaparecer”, “procure outro”, “não quero”, “no próximo ano”, “assim que eu precisar”, “um dia destes”, “vamos mudar de assunto” etc. e, em casos excepcionalíssimos, “amanhã” mesmo. Qualquer estrangeiro que tenha vivido no Brasil sabe que são necessários vários anos de treinamento para distinguir qual o sentido pretendido pelo interlocutor brasileiro, quando ele responde, com a habitual cordialidade *nonchalante*, que fará tal ou qual coisa amanhã. O caso dos alemães é, seguramente, o mais grave. Não disponho de estatísticas confiáveis, mas tenho certeza de que nove em cada dez alemães que procuram ajuda médica no Brasil o fazem por causa de “amanhãs” casuais que os levam, no mínimo, a um colapso nervoso, para grande espanto de seus amigos brasileiros — esses alemães são uns loucos, é o que qualquer um dirá.

A culpa é um pouco dos alemães, que, vamos admitir, alimentam um número excessivo de certezas sobre esta vida incerta, número quase tão grande como a quantidade exasperante de preposições que frequentam sua língua (estou estudando “*auf*” e “*au*” no momento, e não estou entendendo nada). São o contrário dos brasileiros, a maior parte dos quais não tem a menor ideia do que estará fazendo na próxima meia hora, quanto mais amanhã.

Talvez tudo se reduza a uma questão filosófica sobre a imanência do ser, o *devenir*, o princípio de identidade e outros assuntos dos quais fingimos entender, em coquetéis desagradáveis onde mentimos a respeito de nossas leituras e nossos tempos na Faculdade. No plano prático, contudo, a coisa fica gravíssima. Se o Brasil tivesse fronteiras com a Alemanha, não digo uma guerra, mas algumas escaramuças já teriam eclodido, com toda a certeza — e a Alemanha perderia, notadamente porque o Brasil não compareceria às batalhas nos horários previstos, confundiria terça-feira com sexta-feira, deixaria tudo para amanhã,

falsificaria a assinatura oficial no documento de r ndição, receberia a *Wehrmacht* com batucadas nos momentos mais inadequados e estragaria tudo organizando almoços às seis horas da tarde.

Falo por experiência própria. *When in Rome do as the Romans do* — ditado que deve ter uma versão latina muito mais chique, mas, infelizmente, não disponho aqui de meus livros de citações, para dar a impressão aos leitores de que leio Ovídio e Horácio no original. Mas, em inglês ou em latim, acho esse um pensamento de grande sabedoria e procuro segui-lo à risca, na minha atual condição de berlinense, tanto assim que, não fora minha tez trigueira e meu alemão abestalhado, ninguém me distinguiria, fosse por traje ou maneiras, dos outros berlinenses bebericando uma cervejinha ali na Adenauerplatz.

Fica tudo, porém, muito difícil em certas ocasiões, como hoje mesmo. O telefone tocou, atendi, falou um alemão simpático e cerimonioso do outro lado, querendo saber se eu estaria livre para uma palestra no dia 16 de novembro, quarta-feira, às 20h30. Sei que é difícil para um alemão compreender que esse tipo de pergunta é ininteligível para um brasileiro. Como alguém pode marcar alguma coisa com tanta precisão e antecedência, esses alemães são uns loucos. Mas não quis ser indelicado e, como sempre, recorri a minha mulher.

— Mulher — disse eu, depois de pedir que o telefonador esperasse um bocadinho. — Eu tenho algum compromisso para o dia 16 de novembro, quarta-feira, às 20h30?

— Você está maluco? — disse ela. — Quem é que pode responder a esse tipo de pergunta?

— Eu sei, mas tem um alemão aqui querendo uma resposta.

— Diga a ele que você responde amanhã.

— E quando ele telefonar amanhã? Ele é alemão, ele vai telefonar amanhã, ele não sabe o que quer dizer amanhã.

— Ah, esses alemães são uns loucos. Você é escritor, invente uma resposta poética, diga a ele que a vida é um eterno amanhã.

Achei uma ideia interessante, mas não a usei, apenas disse que ele telefonasse amanhã. Mas claro que não sei o que dizer amanhã e fui dormir preocupado, tanto assim que ainda incomodei minha mulher com uma cotovelada. Afinal, os alemães são organizados, é uma vergonha a gente não poder planejar as coisas tão bem quanto eles. Que é que eu faço?

— Ora — respondeu ela, retribuindo a cotovelada —, pergunte a ele se os alemães planejaram a reunificação para agora. E, se ele for berlinense, pergunte se ele não preferia deixá-la para amanhã.

— *Touché* — disse eu, puxando o cobertor para cobrir a cabeça e resolvendo que amanhã

## O crime do Storkwinkel

Não sei quanto aos alemães, mas todo brasileiro tem medo da polícia. Muita gente que é furtada não procura a polícia. A principal razão é que não adianta, pois a polícia brasileira, de modo geral, não resolve nada. (Ninguém resolve nada no Brasil, pensando bem; antigamente, resolvíamos no futebol, mas nem isso mais.) A outra razão é que todo mundo tem medo da polícia e suspeita que, se for lá dar queixa, ela pode se aborrecer e, quando ela se aborrece, o melhor é estar a uma distância segura.

No meu caso, há razões ainda mais fortes. Quando estudante, andei fazendo protestos e a polícia se sentia ofendida, manifestando sua mágoa por meio de cachorros, gás, cassetetes, cachações e outros meios de diálogo. Quando jornalista militante, a polícia também se chateava com comentários que considerava injustos para com o regime e me dava telefonemas preocupados, sugerindo que talvez fosse melhor para minha saúde que eu, em vez de política, escolhesse como tema a criação de galinhas, ou um campeonato de bridge. Como escritor, tampouco fiz sucesso com a polícia, se bem que hoje vivemos tempos bem mais brandos. Nos tempos não tão brandos, a crítica literária da polícia era severa e sou obrigado a confessar que prefiro a *New York Times Book Review*. Bem verdade que sempre estive em boa companhia. Recordo um policial que, diante de uma encenação de *Antígona*, repreendeu a todos com energia, mas benevolentemente. Compreendia que estivessem montando tal porcaria contra o regime, afinal eram jovens desorientados, levados ao pecado pelas ideologias malsãs e pela incúria dos mais velhos, que, em vez de cuidar de nossa educação física e moral, nos expunham àquele lixo mal-escrito. Sim, não tinham culpa os jovens, ele os perdoaria, embora, é claro, não permitisse a encenação. Mas — como é o nome desse sujeito que escreveu a peça? — ah, sim, esse tal Sófocles ele não perdoaria, esse iria em cana de qualquer jeito. Lembro que, na ocasião, fiquei meio aborrecido porque não fui preso e perdi a chance de ser companheiro de cela de Sófocles.

Se essa história parece exagero, lembro que, certa feita, a polícia proibiu que o Balé Bolshoi se apresentasse na tevê brasileira, temendo nossa bolcheviquização, a cada vez que um russo fizesse ha-ha-ha-ha com uma espada entre os dentes e desse um daqueles pulos de pernas abertas. A possibilidade de que os brasileiros passassem a andar com uma espada entre os dentes, fazendo ha-ha-ha-ha e dando pulos de dez metros, era certamente alarmante. O catálogo é infundável e o fato é que eu tenho medo de polícia e costume atravessar para o outro lado do Ku'damm, quando chego perto da delegacia aqui do bairro.

Mas destino é destino e estou eu ainda mal-acordado, por volta das oito horas da manhã, aqui em Berlim, quando toca a campainha, vou abrir e quase morro de susto. Dois cavalheiros

sisudos me dizem “*guten Tag*”, exibem distintivos e anunciam: “*Kriminalpolizei!*” Só não morri por razões genéticas — na minha família não há cardíacos e morrer de velho é uma questão de honra entre nós, mas meu primeiro impulso foi correr à sacada, gritar “sou inocente”, pular e procurar asilo na embaixada do Gabão. Minha mulher, que estava atrás de mim e também é brasileira, disse “fique calmo, querido, eu vou fazer sua mala, eles aqui não batem, fique calmo”.

Fiquei calmo e apenas pernas trêmulas, suor frio, gagueira, queixo batucando e outros sinais discretos traíam minha apreensão. Alguém havia me denunciado por jogar um cigarro na calçada? Teria cometido um crime ao olhar com excessivo vagar uma gordinha nua no Hallensee? Comer uma *Bratwurst* sem mostarda, como fiz outro dia, seria uma grave ofensa? Estaria sendo confundido com um terrorista? (Sou rotineiramente confundido com qualquer coisa, menos com alemão e brasileiro.)

“Escritor!”, disse eu, no meu alemão oligofrênico. “Uso meus dedos assim!”, acrescentei, mostrando com as mãos a diferença entre acionar um gatilho e datilografar.

A *Polizei* não pareceu divertida. Exibiu os distintivos outra vez, pediu algo que eu não entendia e, lá atrás, minha mulher não facilitava as coisas, perguntando quantas cuecas eu queria que ela pusesse na mala. Finalmente, quando eu já ia estender os pulsos para as algemas, descobri que eles falavam inglês e, graças a Deus, entendiam inglês gaguejado. Queriam a chave do sótão. Que chave do sótão, eu nem sabia que aqui havia um sótão. Mostrei todas as minhas chaves, nenhuma chave de sótão. Eles sorriram, despediram-se, foram embora.

Nós, contudo, ainda não nos recuperamos, talvez nunca nos recuperemos dessa visita. Passamos a noite em claro, imaginando hipóteses horrendas, cadáveres no sótão, duas toneladas de cocaína no sótão, um vampiro no sótão, as piores coisas no sótão, nunca chegaremos nem perto do sótão durante toda a nossa estada na Alemanha. Mas, no dia seguinte, descobrimos uma carta, pregada no quadro de avisos de nosso prédio. Um vizinho queixava-se de que sua churrasqueira (*Lattenroste*) tinha desaparecido do sótão e pedia que a devolvessem, ou pusessem oitenta e cinco marcos em sua caixa postal, para pagá-la. Ah, então era esse o crime do *Storkwinkel*, o mistério da churrasqueira desaparecida! Ficamos aliviadíssimos, nunca nem vimos uma churrasqueira, aqui na Alemanha. Mas a lembrança da *Kriminalpolizei* ainda estava muito viva e, como se diz no Brasil, seguro morreu de velho.

— Mulher — disse eu, depois de ler a carta —, acho que vou comprar uma churrasqueira e deixá-la na porta desse vizinho.

— Boa ideia — disse ela. — E, por via das dúvidas, bote também oitenta e cinco marcos na caixa postal dele.

## **Anotação em português**

<b>Autor:</b>	Barbora Lebánková
<b>Departamento e Faculdade:</b>	Departamento das Línguas Românicas, Faculdade das Letras
<b>Título da tese:</b>	Tradução comentada das crônicas escolhidas do livro <i>Um Brasileiro em Berlim</i> de João Ubaldo Ribeiro
<b>Orientador da tese:</b>	Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.
<b>Número de caracteres:</b>	87985
<b>Número de anexos:</b>	1
<b>Número de referências bibliográficas:</b>	19
<b>Palavras-chaves:</b>	literatura brasileira, Brasil, crónica, português, João Ubaldo Ribeiro, escritor brasileiro, tradução comentada, literatura
<b>Caracterização breve da tese:</b>	Este trabalho enfoca a vida e a obra do autor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, análise literária do livro <i>Um Brasileiro em Berlim</i> , a tradução para o checo de seis crônicas escolhidas deste livro e o comentário da tradução.

## **Anotação em inglês**

<b>Author:</b>	Barbora Lebánková
<b>Faculty and Department:</b>	Faculty of Art, Department of Romance Languages
<b>Title:</b>	Commented translation short stories selected from a book <i>Um Brasileiro em Berlim</i> by João Ubaldo Ribeiro
<b>Supervisor:</b>	Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.
<b>Number of characters:</b>	87985
<b>Number of appendices:</b>	1
<b>Number of bibliographical references:</b>	19
<b>Key Words:</b>	Brazilian literature, Brazil, feuilleton, João Ubaldo Ribeiro, Brazilian writer, commented translation
<b>Short characteristics of thesis:</b>	This thesis focuses on biography and works of a Brazilian author João Ubaldo Ribeiro, a literary analysis of a book <i>Um Brasileiro em Berlim</i> , translation of six short stories selected from this book and a commentary of the translation.